

MONTEIRO LOBATO

MISTER
SLANG E O BRASIL

COLLOQUIOS COM O
INGLEZ DA TIJUCA



S. PAULO
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
MCMXXVII

1951/52



AD
7708

Ibero-Amerikanisches Institut Berlin



204011921273

Aufzuheben in einem
wahren Glauben an die
Tugend des Menschen bei jeder
offenen Kopf viel Material
für prä- geschichtliche Epoche

M. S. B. 1





MONTEIRO LOBATO

MISTER
SLANG E O BRASIL

COLLOQUIOS COM O
INGLEZ DA TIJUCA



S. PAULO
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
MCMXXVII

A Silveira Bueno,

poeta um tanto funebre e critico

zangadinho,

dedica

Monteiro Lobato



A12

07968



ADVERTENCIA

As opiniões de Mister Slang tiveram a sorte de interessar o nosso publico, ao surgirem, em Janeiro, estampadas n' "O Journal". Por que? Pelo tom fleugmatico e sereno de que nunca se arreda o vermelho subdito de S. M. Britannica? Pela sua independencia mental? Ignoro-o e nem vale a pena esclarecer este ponto, sem minima possibilidade de influencia no movimento de rotaçãõ da terra. Interessou e basta.

Quem é este Mister Slang?

John Irving Slang nasceu na cidade de Hull, em 1872, e fez estudos em Cambridge. Muito jovem ainda, 22 annos, deixou a ilha e se partiu a correr mundo, ganho de uma insaciavel fome de pittoresco. Esteve na India, na Nova Zelandia, nas ilhas Salomão, em Haway, em Sarawak e outras inconcebiveis terras de gente cõr de pinhão. Por fim veio ao Brasil, onde encalhou por quarenta

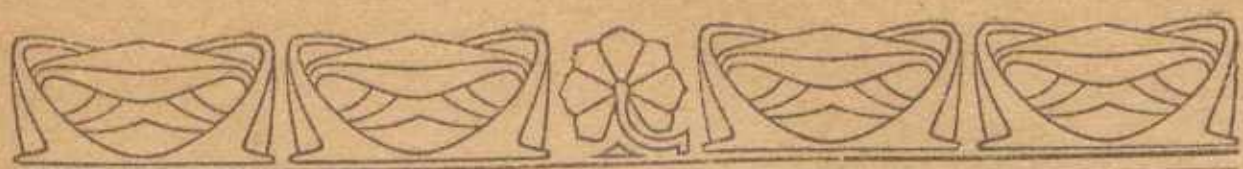
annos no mais lindo "bungalow" do Alto da Boa Vista.

Absorveu-se em estudos das nossas coisas, depois que se retirou dos negocios, cheio de libras e notas da extincta Caixa da Conversão, a qual o bigodeou indecorosamente, seja dicto de passagem.

Nada mais sei deste homem excentrico e, cá para nós, maniaco e exquisitissimo, como em regra todo inglez celibatario maior de sessenta annos. A sua repentina partida para o celeste imperio, "a ver a China desopilar-se de europeus", muito intrigou os seus amigos, plantando em meu espirito um sério ponto de interrogação. Si por acaso escrever-me de lá, como prometeu, é possível que o publico ainda obtenha novos esclarecimentos a seu respeito. Tambem é possível que Mister Slang regressse. Assim o espera a criada Dolly, que ficou de guarda ao seu "bungalow" da Tijuca.

— Elle não pôde viver longe do Brasil, por causa das orchideas, diz ella.

A boa Dolly confunde orchidismo com parasitismo social, velho objecto de estudo do meu caro inglez da Tijuca...



Mr. Slang e o Brasil

COLLOQUIOS COM O INGLEZ DA TIJUCA

I

Tijucal
DA BALBURDIA DE IDÉAS

O arvoredado sempre enfolhado dum dos bellos sitios da Tijuca esconde a deliciosa vivenda de Mr. Slang, rubicundo britannico que ha mais de oito lustros reside entre nós. Quem sóbe de bonde não avista a sua casa, nem siquer a suspeita. Esse inglez, além de philosopho, revela uma certa misanthropia, muito consentanea num "gentleman" que o destino lançou para longe do "fog" londrino. Prefere o contacto das coisas ao contacto dos homens, embora possua meia duzia

de amigos, com os quaes conversa entre goles de whisky e interminaveis partidas de xadrez.

Quiz o acaso que eu viesse a figurar entre taes amigos. Frequento amiude o delicioso "bungalow", bebo do excellente whisky importado directamente e ainda dou, de vez em quando, meus cheques mates no dono.

Nada disto tem que ver com o publico; mas acho que tem, e muito, a velha experiencia e a longa observação de Mr. Slang a respeito das coisas nacionaes, objecto constante dos nossos debates. Eis por que me vi no dever de reduzil-os a escripto e estampal-os num orgão de variada expressão mental como este (1). "Wisdom" é riqueza. A de Mr. Slang contribuirá, talvez, para o enriquecimento de algum espirito amigo da verdade, embora eu esteja convencido da absoluta tolice que é em nossa terra dar attenção á pobre dama que mora no poço.

Mr. Slang tambem escreve, de longe em longe, para o "Scribner's Magazine". Nenhum dos seus amigos sabe disto, a não ser eu e por obra do acaso, ainda. O acaso em minhas relações com Mr. Slang vem re-

(1) "O Jornal", onde em Janeiro de 1927 sahiram publicadas estas opiniões.

presentando papel curiosissimo. Não direi como descobri um ensaio, seu no magazine americano, mas direi que versava sobre o humorismo inconsciente.

— Ha disso, Mr. Slang? perguntei-lhe, folheando o trabalho.

O inglez sorriu com malicia e apontou para um numero do “Jornal do Commercio”, recém-percorrido pelos seus olhos.

— Ha, e foi a leitura constante deste orgão que me suggeriu a idéa. Não ficou no Monsieur Jourdain, de Molière, o privilegio de fazer prosa sem o saber...

Mr. Slang lê muito Bernard Shaw e não esquece os velhos humoristas, de Sterne a Wendell Holmes. Talvez lhe venha d’ahi certo “turn” de espirito, amigo de replicar por “tabellas” e ricochetes. Esta mordacidade, entretanto, perde-a elle depois do terceiro “drink”, donde concluo que não passa de simples attitude mental. *In whisky veritas...*

Da ultima vez que lá estive versou o debate sobre o thema do dia, a estabilização da moeda, e confesso que só aclarei as minhas idéas depois que elle m’as varreu com a vassoura do seu bom senso raciocinante.

— Que acha, Mr. Slang, da estabiliza-

ção? perguntei-lhe. Tenho lido as folhas e, mais leio opiniões, mais me obscureço.

— Muito natural, foi a sua resposta. A opinião dos nossos jornaes é excessivamente instavel. Não será no instavel que o meu amigo se firmará a respeito de estabilidades.

— Entretanto, não existe outro recurso para quem deseje assenhorear-se do problema. Temos que acompanhar os debates do plenario.

— Talvez não. Acho que temos simplesmente de reflectir sobre elle. Meu methodo de trabalho mental consiste em reflectir, concluir de mim para mim, chegar a idéas que sejam productos logicos de todas as observações e conclusões anteriores da minha vida. Depois, a titulo sportivo, tratarei de conhecer as idéas dos outros. Meu methodo é rude no começo, porque bem pensar corresponde a trabalho rijo; mas delicioso ao cabo, quando vejo abrolhar da arvore lindos frutos. Methodo inglez. O methodo brasileiro parece-me muito mais commodo: comprar por 200 réis taes frutos já elaborados.

— Commodo e pratico, aventurei; em vez de criarmos rugas na testa e moermos os miolos, adquirimos logo uma idéa feita, já bem elaborada pelos technicos. Po-

deria eu, pensando por mim, por exemplo, chegar com a mesma pressa ás conclusões de um ex-ministro da Fazenda? Acho mais intelligente tomar feitas as idéas deste homem. Além disso, possuem maior autoridade.

Mr. Slang sorriu e disse:

— Certas preferencias são de resultados muito sérios na vida dos povos. O habito de ter idéas proprias fez da Inglaterra o que a Inglaterra é. O habito brasileiro de acceitar, por commodismo, idéas alheias, não me parece que esteja fazendo grande coisa deste paiz...

A leve ironia fez-me enrubescer e, para disfarce, emborcar o copo de whisky. Enquanto isso, Mr. Slang continuava:

— Os jornaes do Rio nunca esclarecem uma questão. Estudam-na sempre deslembrados do objectivo de esclarecel-a. O negocio parece-me até que é baralhar. Só o embaralhamento renderá qualquer coisa. Jornal, no Brasil, é synonymo de machina de desenrolar linha. Lel-os é ver desenrolar linha. O bom senso manda fazer o contrario: tel-a em carreteis, numerados conforme a grossura do fio e bem arrumadinhos nas prateleiras. Fóra dos carreteis linha deixa de ser

linha. Passa a macaróca, só útil como esfregão.

— Vejo que Mr. Slang faz muito pouco em nossa mentalidade, murmurei resentido.

— Não direi que faça pouco. Nem ainda que faça muito. Vejo-a como vejo a goiaba no pé, admittindo que seria absurdo virem maçãs de uma goiabeira. A mentalidade por aqui é o fruto logico de um hybridismo triplice. Grão de bico, pacova e quimbombô só pôdem pensar os frutos que pensam'...

— Perdão! exclamei, um tanto vexado nas minhas susceptibilidades patrioticas. Cito Ruy Barbosa e com esta simples citação esmago a sua theoria.

— Citará o Corcovado para provar que a lagôa Rodrigo de Freitas não é lagôa? Ruy Barbosa constitue tamanha anomalia neste paiz... que está inedito. O governo adquiriu-lhe a propriedade das obras e não as publica. Acha, e acha muito bem, que esse Macaulay meridional nasceu nestas paragens por atrapalhação da natureza, nada tendo de commum com o paiz.

— Engano seu, Mr. Slang. Ruy foi um idolo nosso — o maior!

— O que não impediu que entre elle e

o Marechal Hermes, o paiz escolhesse o Marechal. . .

— Escolheram os politicos, não o povo.

— Parece-me que esses politicos não se sustentam na sociedade com o apoio das pedras, das arvores, do ar, das coisas, em summa, e sim das pessoas — cujo conjunto tem nome povo. Não negue evidencias. Este negar evidencias tem sido a causa real de não conseguirem vocês uma só solução acertada para todos os problemas nacionaes. Tudo emergencia, isto é, solução pessoal, occasio-
nal, momentanea, provisoria. Sempre o horror á marcha de frente, ao leal estudo da situação de facto. Aponte-me uma solução definitiva, uma só, acertada e justa, de quantas o paiz vem tentando, e eu não comerei este bispo que imprudentemente acaba de collocar-se sob o meu cavallo.

Tinhamos iniciado uma partida de xadrez e de facto eu movera ás tontas o bispo do rei.

Na vida nacional ocorre muito disto. Movem-se pedras imprudentemente. Depois é preciso recuar, com deslize das regras do jogo — ou temos de vel-as comidas por um cavallo qualquer.



II

DA MAÇARÓCA

Depois de conclusa a partida de xadrez, que perdi (meio commodo de predispor Mr. Slang a prolongadas dissertações), retomei o fio do nosso thema.

— Acha, então, Mr. Slang, que a nossa imprensa desenrolou a linha do carretel e deixou o caso da estabilidade reduzido a maçaróca?

— E das inextricaveis. Vejo tantas laçadas e nós cegos que não sei como vae este pobre povo comprehender qualquer coisa. O mesmo que se deu com a vaccina obrigatoria, no governo Rodrigues Alves. Desenrolaram-se os carreteis e o povo, enleado na maçaróca, pensou até em levante. Em levante, contra o remedio preventivo da horro-

M. S. B. 2



rosa doença que o dizimava e deformava... Hoje começam a fazer o mesmo. Já inventaram uma engenhosa formula, bôa para irritar o pobre burro de carga.

— Qual é?

— “Estabilização da ^{Tenerife} carestia”.

— E não acha, Mr. Slang, que é isso mesmo?

O inglez olhou-me com certa piedade ironica. Depois disse:

— Carestia é symptoma de deficiencia na producção. Sempre que ha batatas de sobra no consumo normal das batatas, o preço das batatas cáe; mas sobrevirá a carestia sempre que a colheita produzir menos batatas que o necessario ao consumo. O projecto da estabilização da moeda visa apenas tornar rigido e, portanto, invariavel o litro com que o vendeiro mede essas batatas. Nada tem que ver com a producção, quantidade ou preço dellas.

— Não comprehendo.

— E' que não me expliquei convenientemente.

— Explicou-se muito bem, Mr. Slang; o problema é que é complicadissimo.

— Complicado só me parece o que não entendemos. O brasileiro anda afastado do regimen de pensar por si, de meditar sobre

uma idéa até que a tenha madura no cerebro e articulada com todas as mais idéas que o povoam. Seria impossivel um Newton por aqui, o homem que descobriu uma grande lei á força de reflectir sobre a mechanica dos astros. Ao envés de pensar, vocês lêem — lêem coisas que, por mal pensadas, vão contribuir para a formação da maçaróca.

— Mas acha, então Mr. Slang, que seja finança uma coisa clara? Eu de mim confesso que quanto mais leio a respeito, menos pesco.

— E' que lê e estuda nos jornaes — na linha desenrolada. Experimente pensar a respeito. Enrole a linha e verá que nada existe mais simples.

— Ajude-me, então, Mr. Slang. Dê-me a ponta do fio.

O inglez accendeu o cachimbo fleugmaticamente e disse:

— Temos aqui sobre a mesa a maçaróca. Que nota nella á primeira vista?

Representei-me "in mente" a maçaróca, que Mr. Slang dizia estar sobre a mesa e não notei coisa nenhuma. Que será possivel notar numa imaginaria maçaróca de linha? Vendo o meu embaraço, o inglez continuou:

— Nota que não é constituída de linha

de uma só côr. Temos linha amarella, vermelha e azul. Logo, ha aqui tres carreteis desenrolados.

— ?

— Sim. O carretel economico, o financeiro e o monetario. São tres problemas diversos que o “amor ao embrulho” dos nossos entendidos embaralha. Embora na vida dos negocios suas questões se entrelacem, economia, finança e moeda são coisas distinctas. Cada qual com o seu campo, cada qual com a sua função, cada qual sujeita ás suas leis. Mistural-as é criar o cahos. Mas desde o momento em que separemos da maçaróca as tres linhas de cores diversas, já o problema em causa se simplifica enormemente. Tão enormemente que qualquer caixeiro de venda supportará com galhardia um exame. Si eu fosse presidente da Republica resolveria a eterna balburdia financeira, economica e monetaria do paiz mettendo no Ministerio da Fazenda, ao envés de “technical experts”, isto é, malabaristas da terminologia e paes da maçaróca, um simples caixeiro de venda.

— Lá vem Mr. Slang com os seus paradoxos! Leu Bernard Shaw, esta noite, com certeza...

— Li varios artigos de famosos ex-ministros da Fazenda, e dahi me veio a idéa

de metter no “controle” um caixeirinho — aquelle, por exemplo, que ali vem, concluiu, apontando com o cachimbo para um moço em mangas de camisa, que entrava a sobraçar um pacóte. Era o caixeiro do armazem proximo que vinha trazer uns biscoitos pedidos pelo telephone.

— Manoel, venha cá! exclamou o inglez. Venha dar umas lições a este amigo atrapalhado.

Approximou-se o Manoel, tatalando os seus tamancos.

— A's ordens de vossa senhoria.

— Diga-me cá, Manoel, começou o inglez, entende você alguma coisa de finanças?

O rapaz olhou-nos desconfiado.

— Finanças? Homem, a falar verdade, nunca ouvi siquer tal palavra.

Mr. Slang olhou-me e disse em inglez rosnado:

— Vou fazer-lhe umas perguntas e você verá que o simples bom senso deste homem vae dar todas as soluções que os nossos grandes financistas não encontram.

E, voltando-se para o Manoel:

— Diga-me cá: si o seu armazem gastar dez contos por anno e ganhar oito, que é que acontece?

— Vossa senhoria está a brincar! Pois

claro que quebra! Poço de onde sae mais agua do que entra, secca.

Mr. Slang sorriu-se e soltou uma gostosa cachimbada para o ar.

— Manoel, acabas de dizer uma verdade eterna, das que os homens da Academia chamam inconcussas. Verdade, no entanto, que jámais entrou na cabeça dos nossos governos. Querem elles arrecadar 100 e gastar 150. Admittem que é possível encher-se um poço onde entra menos agua do que sae. O feu solido bom senso acaba de ensinar a este meu amigo que o problema financeiro das donas de casa ou dos grandes imperios se resume em ter fé cega nas verdades que o Trajano ensina na sua arithmetica elementar. Não ha propriamente problema financeiro; ha a conta de entrar mais do que sair, õu, pelo menos, entrar tanto quanto sair. Começa a haver problemas si esta regra é inobservada — problemas metaphysicos e ultra-arithmeticos, de multiplicar a agua do poço por meio de chamicas e passes de magica, ao envés do natural e simplicissimo equilibrio das torneiras.

— De modo que o problema financeiro, na sua opinião, se resume nisso!... conclui, um tanto desapontado.

— Está claro! E só fugirei deste modo

de ver si alguém me apresentar um facto — um só que seja — de poço que se não esvasie quando sae mais agua do que entra. Enrole a linha vermelha da maçaróca e ponha ahi no canto da mesa o carretel financeiro. Vamos ver agora o problema economico. Inda é o Manoel quem vae esclarecer-nos .

Ri-me e duvidei:

— Esse quero ver. E' crespo e o pobre Manoel vae espetar-se.

— Engano. O Manoel vae deslindal-o tão luminosamnte que você se assombrará da iniquidade de andar como caixeiro de venda um córte de ministro da Fazenda como o Brasil ainda não possuiu nenhum.

— Nem Murtinho?

— Nem Murtinho.

E Mr. Slang chupou uma cachimbada gostosa antes de interpellar novamente o Manoel.



III

DE OUTRAS OPINIÕES DO MANOEL

Tinhamos já enrolado dois carreteis, o financeiro e o economico. Faltava, apenas, enrolar a linha do carretel monetario. O Manoel, de boca aberta, aguardava as novas perguntas de Mr. Slang, incerto ainda si seria aquillo sério ou brincadeira. Eu duvidava que desta vez lhe saíssem respostas claras, porque o problema da moeda sempre me pareceu dos que augmentam, no mundo, o consumo da aspirina.

Mr. Slang interpellou-o:

— Diga-me, Manoel: que é que mediu o comprimento daquelle rôlo de corda que você me trouxe hontem?

— O metro, hom'essa! Pois não sabe?

— E que é que mediu o peso destes biscoutos de agora?

— O kilo. Vossa senhoria está a brincar?

— E que é que mediu o valor, isto é, o preço da corda e dos biscoutos?

— O dinheiro de vossa senhoria, está claro.

— Muito bem! approvou Mr. Slang, tirando uma baforada. Diga-me, agora: si o metro que vocês usam lá encolhesse um palmo cada dia de chuva, ou espichasse um palmo cada dia de sol, que succederia?

— Uma desordem dos diabos. Si comprassemos corda num dia de sol e a vendessemos em tempo de chuva, perderiamos um palmo em cada metro — ou vice-versa.

— E os biscoutos? Si o peso de kilo que vocês usam ora pesasse 1.200 grammas, ora 800?

— Outra desordem dos diabos. O armazem levava a bréca com tal metro e tal peso. Como negociar assim? Virava tudo uma roleta e era preferivel fechar a casa e ir jogar no bicho.

— Muito bem. E si o dinheiro, na gaveta, soffresse o mesmo mal do encolhe e do espicha? Si um conto de réis ora valesse 500\$, ora 1:200\$000?

— Isso, então, nem é bom falar! Falencia, na certa. Temos uma duplicata a vencer no dia tanto e apartamos o cobre; si no dia do resgate esse cobre diminuir, ou teremos de tomar emprestada a differença ou fechar a porta. Si o cobre augmentar, ganhemos, mas sem saber como, nem porque, qual no jogo. O negocio, com dinheiro dessa ordem, não vae lá de pernas...

— Perfeitamente. De modo que, para haver negocio, é preciso que o metro, o kilo e a moeda tenham valor constante...

— E quem não sabe disso, meu caro senhor? Vossa senhoria está a chover no molhado.

— Pódes ir, Manoel, disse-lhe Mr. Slang; as perguntas de hoje ficam por aqui.

E, para mim, logo que o moço virou as costas:

— Vê? Todo o problema monetario está nas palavras do Manoel, simples, como agua, luminoso como o sol. Si botam este Manoel no governo, que maravilha!

Nesse momento entrou o criado com o taboleiro do xadrez.

Emquanto iamos arrumando as pedras, pude ainda objectar:

— De facto, em essencia as coisas são muito simples; mas, na applicação...

— Na applicação tudo tambem é simples, quando se respeita a essencia das coisas. A medida do valor dos objectos chama-se ouro, como a medida da extensão é o metro e a medida do peso é o kilo .

— Então é moeda synonymo de ouro? Novidade!...

— Sim. O consenso unanime e immemorial dos povos adoptou o ouro como medida de valor, isto é, como moeda .

— Mas, si as ha de cobre, prata, nickel, papel...

— Moedas por procuração do ouro. Eu posso gerir meus negocios por mim ou por intermedio de procuradores. Serei o ouro; elles serão o cobre, a prata, o nickel, o papel. Valem, não por si, mas como representantes meus. No dia em que eu não endossar os actos desses procuradores, nada mais valerão elles. O papel, por exemplo. Existe e só vale quando representa um deposito de ouro, isto é, quando procurador do ouro.

— Mas o papel-moeda?

— Papel-moeda não é moeda-papel, como procurador sem procuração não é procurador. Papel-moeda quer dizer uma ladroeira que certos governos inventaram pelo simples facto de não haver cadeia para os governos. E' o "paco" dos vigaristas.

— Mas, desde que tem força liberatória é moeda...

— ... falsa. Que é uma nota do Thesouro? Um vale que o Thesouro emite, apenas. Ora, esse vale realmente valerá emquanto o emissor fôr honesto e cumprir a sua palavra, resgatando-o pelo valor nelle estampado sempre que lh'o apresentarem. Do contrario, é pirataria.

— De modo que o nosso regimen é de pirataria...

— Da pura, meu caro! Da legitima! O governo emite um vale de 100.000 réis... Um parenthesis. Que quer dizer "réis"?

Engasguei. Sei, ou creio saber o que quer dizer "réis", mas engasguei.

Mr. Slang esclareceu-me:

— *Réis* é o nome, em portuguez, do ouro-moeda; esse mesmo ouro-moeda, nos Estados Unidos, se chama dollar; na Inglaterra, libra; na Allemanha, marco, na França franco; na Italia, lira. Logo, 100.000 réis querem dizer uma certa quantidade de ouro-moeda, e uma nota de 100.000 réis quer dizer um vale, um titulo ao portador, sem prazo de resgate, na importancia de 100.000 réis de ouro. E como ninguem desconfia do governo, esse vale circula como si fosse ouro. Quem quizer trocal-o pelo metal corres-

pondente é só ir ao Thesouro e apresental-o. Mas desde que o governo se acanalha e se recusa a pagar os vales emittidos, elles passam á categoria de letras que o acceitante se recusa a pagar. Si o facto se dêsse com um particular, o remedio seria simples: execução e penhora. Mas como o caloteiro é grosso, o portador do vale não tem outro remedio sinão procurar desconto na praça. E surge o cambio.

— Estou comprehendendo, Mr. Slang. O cambio, o cambista, o homem que desconta os vales do governo impontual só apparece quando o emissor do vale foge ao seu pagamento. . .

— Isso mesmo. Mas esse particular, que desconta os vales do governo, está claro que o faz para ganhar dinheiro, e nunca os paga pelo valor nominal. Paga o que no momento lhe convém pagar, 10, 30, 50 ou 60 % do valor nominal, conforme a taxa de cambio, isto é, conforme todos quantos fazem esse negocio de desconto acham que nesse momento devem pagar.

— Quer dizer que cambio, isto é, desconto de vales do governo por particulares, só existe quando o governo não paga fielmente os vales que emite.

— Clarissimo! Desde que o emissor dos

vales cumpra o seu dever, a sua palavra, a sua promessa, extingue-se a classe dos descontadores, dos cambistas, dos que vivem á sombra e como productos logicos da des-honestidade dos governos.

— Estou entendendo. E estou tambem comprehendendo as razões do clamor contra a estabilidade...

— Não é preciso ser muito esperto. Ha mil interessados na instabilidade, sobretudo entre os banqueiros, ou cambistas. Na estabilidade só é interessada a nação. Com a estabilidade o governo reconhece que o regimen do calote não póde continuar, e se propõe a retomar o pagamento dos vales emittidos, isto é, das notas do Thesouro em circulação. Reconhece que não póde pagalas pelos valor nominal e propõe uma concordata. Em vez de continuar não pagando coisa nenhuma e deixando que os cambistas roubem o paiz com a sua jogatina de desconto, propõe, honestamente, uma concordata de 40 %^o. Quem tiver um vale do Thesouro poderá trocal-o por metal, recebendo, não tudo, mas 40 %^o do valor impresso nelle.

— Comprehendo, comprehendendo!... Tenho, agora, a chave da gritaria e da maço-róca...

— E terá outras chaves, concluiu Mr.

Slang, saindo com o peão do rei, si continuar a *reflectir* nesses problemas.

— A desembaraçar a maçaróca...

— Isso.

Mr. Slang calou-se e avançou com o bispo para a terceira casa da dama.



IV

DO CRUZEIRO E OUTRAS MIUDEZAS

Aquella partida de xadrez não durou muito tempo. Eu estava preocupado com certa idéa — cousa inadmissivel no xadrez. Xadrez absorve, exige o cerebro inteiro attento ás combinações.

— Está distrahido, murmurou em certo ponto Mr. Slang, a um movimento inepto do meu bispo da dama. Esta sua jogada não se justifica, pois me permite responder assim.

O assim foi, zás-trás, cheque.

— As pretas abandonam, exclamei. Ganhou.

— Quem ganhou não fui eu, disse Mr. Slang. Foi o cruzeiro.

M. S. B. 3



— E' verdade. Estava pensando na moeda nova e a parafusar nas perturbações que vae trazer ao nosso povo. Não acha que é assim, Mr. Slang?

— O cruzeiro trará as mesmas perturbações que trouxe a adopção do systema metrico decimal — que elle completa. E' logico que os espiritos fracos se perturbem com mudanças metricas. Mas em attenção á fraqueza de espirito dos homens devemos permanecer sob regimens viciosos, que sobretudo a esses espiritos fracos difficultam a vida? O momentaneo prejuizo para a fraqueza de espirito se compensa com todo um futuro de facilidades. Nunca houve na terra progresso que não perturbasse o anterior equilibrio da vida. A entrada do automovel perturbou o equilibrio da vida mesquinha de milhares de cocheiros de tilbury. Mas transformou esses homens. Os cocheiros são hoje *chauffeurs*, gente mais bem paga e de um mais alto typo de vida. Ai do mundo, si em attenção ao tilburys e seus cocheiros impedissemos o advento do automovel! Além disso, no caso da nossa moeda cruzeiro não passa de nome novo do mil réis. Apenas. Rua de nome mudado não muda. Em vez de "quatro ou cinco mil réis" dir-se-á "um cruzeiro". Só. Já o povo, levado pelo instincto

simplificador, ou lei do menor esforço, diz “cincão”, em vez de “cinco mil réis”. A lei baptizará de cruzeiro o “cinco mil réis”, ou o “cincão” da gyria. A consequencia unica do nome novo será, pois, a economia do esforço vocal. Você bem sabe que a Efficiencia é o grande lemma de hoje. Todo o desperdicio, seja de materia, seja de esforço, vae contra a Efficiencia. A denominação nova trará uma economia de $\frac{2}{3}$ no esforço vocal que hoje despendemos para nomear uma certa somma de dinheiro. Só isso.

— E as outras consequencias?

— Não ha outras consequencias além dessa economia.

— O abuso do commercio?

— Que abuso trouxe o metro ou o kilo quando tomaram o lugar da vara e da arroba?

— Vá que seja assim, Mr. Slang. Mas o ponto fraco da estabilização parece-me estar na taxa adoptada. Seis! E' muito baixa! Dou toda a razão aos que combatem o projecto e preconizam a taxa de 8 ou 12.

— O seu erro, meu caro, vem de admitir liberdade na escolha da taxa da estabilização. Mas a palavra estabilizar define-se por si mesma: parar, estar no que está. Si estamos em 6, como propor 8?

— Esperariamos que o cambio chegasse a 8 ou a 12.

— Por que esperar 8 ou 12 e não 27? Ha tanto arbitrio na escolha do 8 como na do 12 ou na do 27.

— Oito ou 12 seria um cambio mais normal; 6 é anormal.

Mr. Slang sorriu.

— Normal, em geometria, é a perpendicular tirada do ponto em que a tangente toca uma curva. Em materia monetaria a curva, em vez de linha, é um ponto em perpetuo movimento sinuoso e sem normal possivel. Não ha normal fixa em cambio, isto é, no valor de uma moeda em perpetuo vôo de andorinha, ora nas alturas, ora barbeando o solo. Esperar! E' graças á politica do esperar para fazer uma certa cousa que o Brasil se encontra assim, pobre e arruinado. Isto por aqui me dá a idéa de um navio que joga horivelmente e não deixa que se mantenham de pé os tripulantes. Todas as manobras são falhas e desastrosas por effeito do balouço continuo — e o navio vae indo á garra. Mas a tantas surge um engenheiro que se propõe a adoptar um dispositivo de uso velhissimo, suppressor do jogo e permissor de efficiencia nas manobras. Será um bem para todos — no entanto os

tripulantes se oppõem, allegando que a *latitude* em que se acha o navio não é a mais propria para a adopção do dispositivo estabilizador. Acham que o gráo 18, 20 ou 23 é melhor. Outros acham preferivel o gráo 27. Esquecem-se de que, avariado e a fazer agua como está o navio, torna-se duvidoso que alcance taes latitudes...

— E' concertal-o, tapar a agua até que lá chegue.

— Mas si justamente o balouço excessivo da náó é que impede os reparos, homem! Dizem uns: primeiro equilibrar os orçamentos, primeiro fazer a paz. Mas o desequilibrio financeiro é em grande parte effeito da instabilidade.

— Mr. Slang não irá dizer que a revolução tambem procede da instabilidade...

— Não vou dizer? Digo já, pois toda revolução tem por causa ultima o mal estar economico. Paiz que prospera não faz revoluções. Equilibrio de orçamento! Como, si a moeda é movel? Como organizar um orçamento de despesas, si parte dellas é em ouro e no fim do anno o ouro póde estar valendo o dobro ou a metade? Tolices, meu caro. Chicanas. A base de tudo é a fixidez. Primeiro estabilize; depois faça o que quiser. Estabilize, e o problema financeiro se

resolverá por si. Estabilize, e a revolução perderá suas razões de ser.

— Mas... e o custo da vida? Não acha que é muito alto o custo actual da vida?

— Alto em relação ao que?

— Ao custo da vida ao cambio de 8, por exemplo.

— Mas o custo a 8 será muito alto em relação a 12. E o custo a 12 muito alto em relação a 27. Um preço será sempre mais alto ou mais baixo em relação a um indice qualquer. Agora, pergunto eu: que é que tem isso com o facto da moeda se tornar fixa? Que tem o preço da seda com o metro de páo com que o logista a mede? Que tem o preço da terra com a trena do agrimensor? A estabilidade vem apenas dar á moeda a mesma fixidez que tem o kilo e o metro. Esta confusão que noto no espirito publico anda a criar-me sérias duvidas a respeito da mentalidade brasileira...

Olhei para a biqueira dos meus sapatos enquanto Mr. Slang proseguia:

— O pobre Brasil tem sido victima do corre-corre da adaptação. Supponha um negociante que fosse obrigado a mudar de casa todos os mezes. Que succederia?

— Todo o seu lucro ir-se-ia nas despesas de mudança e prejuizos consequentes.

Diz o povo que tres mudanças equivalem a um incendio.

— Pois o pobre Brasil é um negociante que tem de localizar sua quitanda em 27 casas differentes, conforme as intimações de Mister Cambio. Como ha de o coitado prosperar?

— Realmente. A vida do Brasil tem sido um sahir de crise para entrar noutra.

— Justo. Chamam vocês crise ás mudanças de casa. Crise quer dizer desequilibrio. Para a volta a um equilibrio novo ha destruição de energias e bens. Como póde enriquecer um coitado destes?

Mr. Slang tomou folego. Depois disse:

— Ha de haver uma causa para que o Brasil, com o seu immenso territorio e os seus 30 milhões de habitantes, seja um dos paizes mais pobres do mundo.

— Talvez que a gente não preste... ia aventurando eu. Mas Mr. Slang tapou-me a boca:

— Depois que Henry Ford demonstrou como se aproveitam cégos e aleijados, ninguém tem o direito de allegar o não presta. Tudo presta. Até um cégo, um estropiado presta. A questão toda está em proporcionar-se-lhes condições para prestar. O mesmo cégo, que aqui não presta para coisa ne-

nhuma, em Detroit produz igual a um homem perfeito e ganha 6 dollares diarios. O brasileiro precisa de condições para prestar e a condição numero um é a fixidez da medida do valor, a moeda.

Mr. Slang chamou o criado e pediu *whisky and soda*. Tinha feito jus a uma boa dóse, não havia duvida.



V

DO CARPINTEIRO DE SOUTHDOWN

Mr. Slang fez uma jogada de cavallo, que consegui travar com um movimento de bispo. Antes que elle começasse a estudar o caso, perguntei-lhe:

— E qual a sua opinião, Mr. Slang, a respeito da entrada de ouro e immigrants, admittindo que a estabilidade dê os resultados que seus promotores esperam?

— O Brasil está inexplorado, respondeu elle. Constitue uma reserva immensa de possibilidades, que se transformarão em riquezas no dia em que houver o capital necessario para movimental-as. O capital hoje foge do Brasil. Isso explica a expansão assombrosa dos Estados Unidos e da Argentina, em contraste com o marasmo brasileiro.



Capital procura negocios, não casas de jogo — e o Brasil não passa de um Monte-Carlo em ponto grande.

— Isso não, Mr. Slang, porque não é pequeno o capital estrangeiro que está applicado no Brasil.

— E' minimo, é zero deante do que podia ser e das necessidades do paiz. E o que veio, ou veio garantido por leis especiaes ou veio para emprestimos a governos, caso muito differente. O capital com emprego na industria particular não póde pensar no Brasil.

— A Light, o Gas...

— Empresas que talvez nem dividendo paguem, ou então que fazem o publico remunerar seus serviços em ouro — facto que transfere a parte jogo do negocio á besta do publico.

— No entanto, o capital encontra aqui a mais alta das remunerações.

— Em papel. Essa remuneração em papel, convertida em ouro, oscilla de tal maneira que até um simples emprestimo hypothecario se transforma em jogo de roleta. Ora, o fim do capital é obter renda, nunca jogar. Tive um amigo de Londres que num momento de cegueira applicou aqui 10.000 libras a 9 %^o, dinheiro esse que na Inglaterra

nunca lhe rendera mais de 3 %^o. A perspectiva de triplicar a renda seduziu-o. Trouxe o dinheiro, reduziu-o a papel e, como o cambio estava a 12 e a libra valia 20 mil réis, achou-se com 200 contos, os quaes, a 9 %^o, passaram a render-lhe 18:000\$000 por anno. Meu amigo ficou radiante, visto como na Inglaterra só tirava desse dinheiro 6:000\$000. Empregou-o sob hypotheca, cujo contrato se venceu ha uns quatro annos atrás, com o cambio a 5. O devedor pagou-lhe pontualmente os 200 contos, mas o meu amigo, ao convertel-os de novo em libras, só se viu com 4.200 em vez das 10.000 que trouxera. Está claro que fez cruz canhoto no Brasil e foi empregar o resto do seu dinheiro no Uruguay, onde o valor da moeda nacional é constante.

— Não ha duvida, commentei eu. Esse “bife” foi bigodeado. . .

— A um outro amigo succedeu o inverso, proseguiu Mr. Slang. Trouxe 10.000 libras ao cambio de 5 e retirou-as ao cambio de 7. Ganhrou na conversão 4.000 libras. Tambem se foi embora. “Quero negocio e não jogo; jogo por jogo, prefiro Monte-Carlo”, disse-me elle ao partir.

Eis a razão do horror que o Brasil inspira ao capital europeu e americano. Os

businessmen preferem 3 % lá a 12 % aqui, porque 3 lá são 3, e os 12 de cá valem tanto como uma parada em roleta. Podem ser muito, podem ser zero.

— De facto, Mr. Slang. Isso que acaba de dizer é irrespondível. Mas acha que com a estabilização virá capital?

— Em proporções que ninguém aqui pôde sequer sonhar, meu amigo. No principio talvez não muito. A desconfiança será natural. O Brasil muda tanto de orientação que é preciso “ver primeiro”. Ver si ha constancia na nova politica e si o futuro governo não destruirá a obra deste, como os successores de Affonso Penna destruíram a sua. Mas verificado que o bom senso e a honestidade se implantaram de novo no Brasil, o ouro acudirá em ondas e este colosso passará de *cul de jatte* a Hercules.

— Os anjos digam amem! Já é tempo de cessar o nosso eterno e vergonhoso cul-de-jattismo. E immigrants?

— A mesma coisa. Hoje pode-se dizer que não ha corrente immigratoria para o Brasil. Vêm para cá uns poucos de illudidos e um certo refugio que não encontra guarida em parte nenhuma.

— Mas é um erro isso, exclamei, pois

o immigrante encontra cá o melhor campo de expansão, si é trabalhador.

— O homem trabalhador prospera em toda a parte, porque riqueza é synonymo de trabalho accumulado. Mas como o producto do seu trabalho se reduz a moeda e esta joga, ainda quando immovel na gaveta, dá-se com elle o mesmo que com o capitalista. Na minha ultima viagem á Inglaterra tive oportunidade de conversar com um carpinteiro desempregado que queria emigrar.

— “Quanto ganha no Brasil um carpinteiro”? perguntou-me elle.

— “Dezeseis mil réis diarios”, respondi.

— “E quanto valem dezeseis mil réis?”

— “Varia. Valem 2 libras...

O homem deu um pulo.

— “Maravilhoso! Vou já para o Brasil!

Mas esfriei-o:

— “... ou valem 1|3 de libra, apenas.

— “Como? Que absurdo é esse? exclamou o pobre homem, de olhos arregalados.

— “Cambio, meu caro. Ha lá uma coisa, chamada cambio, que espicha ou encolhe o valor da moeda nacional.

— “E a gente do Brasil vive sob um regimen desses? Não arreentam todos?”

— “A vida lá se resume em fazer gym-

nastica, em dar pinotes para adaptar-se ao cambio do dia. O brasileiro distrahe-se com isso e esquece-se de enriquecer.

O carpinteiro, solida cabeçorra do Southdown, riscou o Brasil do mappa das suas cogitações. Dias depois partia para a Argentina.

— Realmente! exclamei. Está ahi um aspecto da questão que nunca me occorreu. Quer dizer que no dia em que tivermos moeda estavel o affluxo de braços será enorme...

— Colossal. O Brasil inteiro se transformará num Estado de São Paulo, que, si é o que é, o deve, sobretudo, a um pouco de braço e cerebro europeu que para lá se encaminhou.

— Mas o paulista não diz isso. Attribue tudo a si.

— Engano. Os paulistas de verdade reconhecem que o estrangeiro foi "magna pars" no progresso local, como tambem admittem que muito cooperou para esse progresso o senso das realidades que caracteriza a mentalidade paulista. Os brasileiros do norte, por exemplo, possuem o senso da irrealidade.

— Não só os do norte. O nosso ultimo

presidente, sahido do centro, tambem possuia esse espirito.

— De accordo. Mas por excepção. E tanto que já está á margem, repudiado pelos seus proprios partidarios, que o querem asy-lar no Senado. O crime que elle commetteu contra a expansão economica de São Paulo é das maiores monstruosidades que se observaram no mundo. Fez que a arvore do-ente, o Brasil, se podasse do seu galho mais vigoroso.

— E preparou o terreno bombardeando a cidade... A historia metterá o bombardeio de S. Paulo entre os sadismos que não teem perdão...

— Meu caro, os thronos e as curues supremas teem abrigado as mais monstruo-sas cerebrações. E' uma contingencia hu-mana que com a vontade de aço raro se allie a luz da intelligencia, e vice-versa. Incalculavel o que teem soffrido os povos com a lou-cura dos governantes! Nas autocracias, com a loucura dos autocratas. Nas democra-cias, com a loucura dos congressos servis. E temos que nos conformar com isso — com o periodico advento da loucura ao poder, chame-se ellá Luiz 14, ex-presidente ou Convenção Franceza.

— Luiz 14? Põe então um rei tamanho entre os loucos?

— Do ponto de vista sociologico foi um monstro como outro qualquer. O edito de Nantes... O incendio Palatinado...

— Vejo que só não são monstros estes nossos reis de xadrez, disse eu movendo uma torre.

— E' que teem os movimentos muito restrictos e só defensivos. Dessemos-lhes o movimento do cavallo e os veriamos fazerem no xadrez tantas loucuras como os reis de carne e osso, concluiu Mr. Slang, movendo tambem uma torre.



VI

DO PERIODO CYCLONICO

Perto do “bungalow” de Mr. Slang ha um morro donde se avista toda a cidade. Fomos até lá.

— Veja que maravilhoso panorama! disse o meu inglez. Nem Napoles! Nem Constantinopla!...

O dia estava lindo, de céu translucido e ar varrido de brisas frescas. Olhei para o mar, para as montanhas longinquas, para o casario da cidade e enchi-me de orgulho. Calei-o, porém. O meu amigo era acerado nas ironias e tive medo de uma picada.

Sentamo-nos sob as arvores e retomamos o fio da nossa conversa.

M, S. B. 4



— Que acha do sr. Washington Luis, Mr. Slang?

— Não acho coisa nenhuma. Foi escolhido para syndico de uma grande massa fallida e, como nunca funcionou de syndico, temos que aguardar seus actos antes de julgal-o.

— Massa fallida? Pois Mr. Slang já dá ao Brasil o nome de massa fallida?

— E então? Não ha offensa nenhuma em admittir uma situação de facto. Innumeros paizes, hoje prosperos, já falliram. Fallir é tão commum entre nações como entre particulares. E só vejo possibilidades favoraveis no governo do sr. Washington Luis si considerar-se elle como syndico de massa fallida e agir como tal, despido de quaesquer illusões. E parece-me que se convenceu desse papel. O acto numero um do seu governo qual foi? Uma concordata. Estabilizar a 6 é acto honestissimo, pois reconhece a bancarrota e sem ambages faz proposta aos credores — e boa, pois é de 40 %|. A Allemanha não pagou coisa nenhuma.

— Acho a sua linguagem muito crúa hoje, Mr. Slang.

— E' o ar, o céu azul, o lindo panorama. Dentro da natureza o homem se varre da aura de mentira com que dentro de casa

anda envolvido. O Brasil está em fallencia desde o dia 13 de junho de 1909, quando morreu Affonso Penna. Nunca um chefe de estado morreu tão fóra de proposito. Havia um cyclone incubado no velho tumor militar do Brasil, tumor que nasceu lá pelos fins da guerra do Paraguay e vem dando febres no paiz até hoje. A habilidade dos velhos estadistas monarchicos, que adheriram á Republica, conseguiu manter o cyclone em estado de tumor. Esperavam que com o tempo o organismo o reabsorvesse. E assim seria, si a morte de Affonso Penna não viesse arrancar o governo das mãos desses experimentados e prudentes varões para entregal-o á mashorca. "Basta de conselheiros!" foi o grito de guerra. Queria dizer, basta de experiencia e de prudencia. Quando o marechal Hermes, instigado por Pinheiro Machado, lançou o repto ao ultimo conselheiro, nesse dia o Brasil attingiu o ponto mais melindroso da sua vida. Ou salvava-se ou despenhava-se no buraco, indo até á fallencia. Affonso Penna aparou o golpe, demittindo-o e nomeando outro ministro. Estaria salvo o Brasil, si a morte não viesse inverter a situação. Mas morre o ultimo conselheiro, vence o Pinheirão e começa a bacchanal. A partir do momento em

que Nilo Peçanha sobe ao Cattete, o tumor abre-se e o cyclone explode. Um facto diz tudo e traça o programma que foi seguido á risca até o ultimo 15 de novembro. Nilo telephonou a Nuno de Andrade, em Petropolis (isto ouvi eu da boca deste grande medico, muito meu amigo), participando-lhe que o escolhera para prefeito. Meia hora depois Nilo assignava o decreto nomeando para prefeito o Serzedello Corrêa...

Desapparecera o escrupulo moral. Entronizara-se no governo o amoralismo, a "injunção politica", e eu, um inglez não preciso dizer a um brasileiro o que tem sido esses longos annos de furacão amoralista. Hoje me dá o Brasil, visto em conjuncto, a sensação de uma terra devastada. De pé, coisa nenhuma. O que está de pé, não resiste a um empurrão; vacilla. O ultimo governo culminou, e systematicamente inverteu todos os valores moraes ainda a prumo. O ruim ficou sendo o bom e vice-versa. Já leu o marquez de Sade?

— Nunca.

— Pois leia. E' um grande escriptor, cujos romances revelam a mais monstruosa inversão moral ainda observada no mundo. Os personagens bons vêem-se horriavelmente castigados e os máos recebem todos os

premios. Pois a obra do ultimo governo me lembra a “Histoire de Juliette ou Les Prospérités du Vice” reescripta por um boticario.

Valeu pelo remate do periodo cyclonico, visto que o instincto de conservação dos povos não permite que taes periodos se eternizem. Assim é que o proprio ex-presidente escolheu como substituto (e foi o unico acto illogico que praticou) um verdadeiro valor moral. Parece a mais absurda das contradicções a escolha do sr. Washington, que é positivamente honesto, ter sido feita por um homem do qual não se póde dizer o mesmo. Porque, essa escolha? E' que o instincto da conservação nacional agiu e fez seu instrumento o proprio presidente que levou ás ultimas consequencias a crise de moral, começada com a morte de Affonso Penna. Não ha outra explicação.

— E acha Mr. Slang que o novo presidente, sendo um valor moral, conseguirá restabelecer a moralidade do Brasil?

— Não acho. Poderá inicial-a apenas. O trabalho reconstructivo é lento e não cabe nas forças de um homem. Emquanto perdurar no organismo administrativo a acção dos elementos amoraes, systematicamente embutidos nelle durante o periodo cyclonico, o

Brasil não recuperará a saúde moral. E isto é demorado. Pedro II tinha o maior escrupulo na nomeação, de um simples juiz que fosse. Sabia que um máo juiz é calamidade vitalicia. Ora, a Republica, até Affonso Penna, ainda muito se beneficiou com a projecção no tempo do celebre lapis azul do imperador. Mas o amoralismo que dahi para cá presidiu á escolha dos substitutos desses homens, até quando operará elle os seus tristes resultados? Contra um máo ministro do Supremo Tribunal, com dez ou vinte annos de vida, que poderá o sr. Washington Luis, que dentro de tres e pouco não será mais governo?

— Quer dizer que o crime maximo do ultimo governo consistiu nesse enxertar amoralidade no corpo administrativo, sobretudo na justiça — na suprema justiça...

— Sem duvida. O criterio unico da escolha era a subserviencia. Quem demonstrasse alguma rigidez de character ia para a lista negra. Ora, a subserviencia tem isto comsigo: é malefica ou inoffensiva, conforme a feição do homem que preside á nação. Emquanto tivermos no alto homens honestos, o paiz não se resentirá grandemente do amoralismo desses enxertos. Mas no dia em que os azares do acaso levarem ao Cattete

um homem dubio, sceptico, fraco ou francamente deshonesto, esses sopitados vicios de caracter resurtirão espontaneamente. O subserviente sub-serve. Serve sob. Reflecte. Transforma-se em monstro sob Calligula, ou em passivo homem de bem sob Marco Aurelio.

— A vida do paiz fica instavel, em pura dependencia do padrão que está na cuspide...

— Perfeitamente. Ao passo que o elemento moral, o juiz honesto, o é sempre, tanto sob Calligula, como sob Marco Aurelio.

— Compreendo. O Brasil está envenenado. Com maleitas...

— Bôa imagem. Está com o germen da maleita no organismo. Conforme fôr o governo que tenha, honesto ou deshonesto, assim se comportará a sua maleita incubada.

— E o remedio?

— Curar-se. Eliminar do organismo os germens da maleita. Quinino. O quinino da honestidade, não durante quatro annos, mas durante tantos quatriennios quantos necesarios á total eliminação dos elementos amoraes que o periodo cyclonico lhe metteu dentro.

— E acha isso possivel?

Mr. Slang fingiu não ouvir a minha pergunta.

— Olhe, disse elle apontando para uma certa ilha. Veja que lindo quadro forma aquelle veleiro, a estampar a brancura das suas lonas de encontro aos verdes do morro! Respeitei-lhe a discreção e desconversei.





VII

Unschuldige
DA INDUSTRIA DA REPRESSÃO

Mas o barco deu volta e breve se sumiu por detrás da ilha. Desfez-se o lindo quadro e Mr. Slang poz pé na realidade, donde o tirára o momentaneo "castagnetto". Aproveitei o ensejo para interpellal-o:

— Eu queria, Mr. Slang, conhecer as suas idéas sobre a revolução. Quem já viveu entre nós quarenta annos deve ter idéas as-sentes a respeito.

Mr. Slang respondeu-me com a fleu-gma de um naturalista de cerebro ordenado á ingleza:

— As revoluções brasileiras, disse elle, incluem-se no quadro geral das endemias que assolam o paiz. Temos a opilação e a malaria

*Die Revoluh schône zu
allem Kranken zu sein*

gegen Ungerechtigkeit, die
einen Schaden welche
den Menschen herbeiführt
ungerechte Verteilung der
Güter

— 58 —

na gente rural, e já tivemos a febre amarella na gente urbana. A endemia revolucionaria é febre que dá na gente desgostosa, armada ou em situação de armar-se.

— Gente desgostosa? repeti, sem comprehender.

— Sim, gente revoltada contra a coisa unica que revolta o homem, a injustiça.

— Mas Mr. Slang já me deu como causa das revoluções a miseria...

~~offensives
Talent!~~
— E que é a miseria sinão a consequencia ultima da injustiça distributiva de bens? A longa continuidade da injustiça leva o povo á miseria, e por fim a revoluções, ao molde da franceza de 89 ou da russa. Antes de chegar até lá, entretanto, e é este o caso do Brasil, provoca revoltas parciaes, sem forças para se alastrarem pelo paiz inteiro, e mais revoltas de grupos do que propriamente revoluções. Mas a origem é sempre a falta de justiça.

— Nesse caso o remedio contra os levantes periodicos não póde ser a repressão, adverti.

— A repressão, explicou Mr. Slang. vale apenas por cataplasma. Não cura. Não curou na Irlanda, não curou na Russia dos tzares. Não curou em parte nenhuma. Tenta combater uma febre do organismo,

esquecida de que a febre é mero effeito de uma causa. Não deixa de ser contristadora esta generalizada ineptia de combater febres com emplastos, sem o menor exame das suas causas reaes. Vejo que bem merecem os homens as ironias do meu Bernard Shaw...

— Mas por que se generalizou no mundo o emprego da cataplasma repressiva? Ha de ter sua justificação.

— E tem. E' o meio pratico de evitar que se extinguam os levantes e com elles a industria da repressão.

Olhei com espanto para Mr. Slang. Não o entendi.

— Sim, explicou elle, industria da repressão ou industria do legalismo, uma das mais rendosas que o homem ainda inventou. Encarta-se nas industrias da guerra. E' a que permite ao "profiteur" maiores lucros, em troca de menos serviços, em menor espaço de tempo. E' a velha pilhagem dentro da lei e sem riscos de nenhuma especie.

— Industria criminosa, exclamei, tomado de ingenuo horror.

— Para o sociologo. Mas no mundo não vejo sociologos. Vejo lavradores, negociantes, industriaes, burocratas, militares, politicos. Quem os consultar sobre a repressão dos levantes pelas armas ouvirá, em to-

251

dos os paizes, duas ordens de razões. A favor e exaltadissimas, nos que estão dentro da industria. Resignadas e perfeitamente sociologicas, nos que lhes soffrem os males. A consciencia do homem móra no bolso, eis tudo...

— Mas um governo legalmente constituido não póde deixar de reprimir levantes, aventurei eu.

— Evidentemente que não póde. Seria uma incoherencia que tendo criado a causa do levante, por meio dos seus actos de injustiça ou encampação de injustiça anterior (e incluo entre os actos de injustiça os actos de deshonestidade), não procure defender-se, defendendo-os. O reconhecimento do erro e a volta atrás só seriam concebiveis num governo justo; mas o governo justo não praticaria actos injustos, nem os encamparia, donde o afastar-se para muito longe a hypothese do reconhecimento do erro, isto é, do unico remedio verdadeiro contra o mal dos levantes.

— O seu raciocinio, Mr. Slang, leva a conclusões absurdas. Leva á conclusão de que os levantes não se reprimem nunca e perpetuam-se, o que não é facto. As revoluções terminam.

— A revolta armada contra a injustiça

não terminou jámais na vida do homem sobre a terra. Interrompe-se, apenas, ganglionna-se de armistícios, de apparentes submissões, de momentos de repouso. O estado revolucionario do mundo só cessou nos paizes que entronizaram a justiça. Veja o caso brasileiro do Sul. Como a causa-injustiça persiste, a revolução é constante, apenas interrompida por pausas de repouso. Ninguém fez ainda a conta do que, desde o inicio da Republica, vem ella custando em vidas, destruição, lucros cessantes e miserias ao Brasil. Seria um calculo de arrepiar. Que teem feito as enormes sommas de dinheiro e de esforço despendidas na repressão? Fomentado o espirito de revolta, isso sim, preparado novos actos do mesmo drama. A revolução esteve, está e estará no Sul emquanto a arma erguida contra ella fôr a espada e não a balança da justiça. O filho ainda no berço herda a revolta de coração do pae morto na luta. Os annos passam. As crianças fazem-se homens e a revolução, apparentemente suffocada, resurge.

— Mas é mal da America Latina.

— Mal da iniquidade, apenas.

— Todas as republicas sul-americanas viveram assim.

— Muitas já encerraram esse cyclo.

O Uruguay foi uma xarqueada de homens durante annos e annos. Hoje é um dos mais felizes e prosperos recantos do mundo. O mesmo se dá com a Argentina.

— E a que attribue Mr. Slang essa reviravolta?

— Não é preciso muita argucia para perceber que o fim do periodo revolucionario na Argentina e no Uruguay coincide com duas medidas de justiça: estabilização da moeda e voto secreto. Uma trouxe a justiça economica: direito de prosperar ininterruptamente a quem trabalha. Outra, a justiça social: direito do cidadão eleger de accordo com a sua consciencia. E o que a bruteza das armas não conseguiu em tragicos decennios de repressão, essas duas elementares medidas de justiça o conseguiram suave e instantaneamente.

— Admitto o voto secreto, mas vejo o reverso da medalha. Esse systema de voto destróe as élites.

Mr. Slang permittiu-se um sorrizosinho de malícia.

— Abusamos por aqui, meu caro, da palavra élite. Eu a interpreto como a nata dos valores moraes e mentaes do paiz e logicamente pergunto: encartar-se-á nesta definição a élite que entre nós domina?

die 2
au glisken
de malice

as
élites

Como eu vacillasse na resposta, Mr. Slang continuou:

— O Brasil possui a sua elite. Não ha leite, por magro que seja, que não dê creme sobrenadante. Mas será um creme naturalmente sobrenadante o grupo que aqui domina? Foi assim na Argentina, antes de Saenz Peña?

— A resposta é difficil, murmurei.

— Tem sido aqui uma selecção natural, a selecção dos valores? O facto de ser valor mental ou moral leva para cima? Vejo valores moraes e mentaes em cima, não porque sejam valores, mas pelos acasos da fluctuação. A regra, sob o regimen do voto a descoberto, é uma selecção artificial, muito ás avessas da natural e merecedora de adjectivos de jornal amarello. Nem é sequer uma selecção consentida. Na alma do homem que votou contra a sua consciencia subsiste um fundo de rancor. Foi victima de uma injustiça. E' um revoltado. Será um revoltoso si lhe calhar occasião.

— Ha o receio de que com o voto secreto as massas predominem. A maioria nunca vale a minoria.

— A mim tambem me parece que é assim e por isso condemno o voto secreto obrigatorio. Em materia de voto, isto é,

escolha, só póde valer a qualidade do eleitor. Que importa o numero? Voto obrigatorio traz o numero, com depreciação da qualidade. Mas voto secreto apenas, sem obligatoriedade, traz selecção. Automaticamente afasta das urnas a massa ignara e attráe a élite consciente — o eleitor nato. O erro das democracias vem de admittir que o diploma de eleitor cria faculdade electiva. Admittamos Assis Brasil e o seu cosinheiro, ambos com diploma de eleitor. Serão eleitores naturaes ambos?

— Não, está claro. Eleitor nato, isto é, consciencia e capacidade de escolha, só será o primeiro.

— Como então *obrigar* o cosinheiro a votar e a destruir assim o alto valor do voto consciente e medido de Assis Brasil? Muito hão de rir-se nossos netos das nossas tolices de hoje. Suffragio universal e voto obrigatorio serão motivos de gargalhadas estrondosas. No entanto...

— Fazem parte ainda dos programmas mais adeantados...

Mr. Slang assentou o binoculo para a bahia e poz a acompanhar um "ita" que entrava.



VIII

Sellos

DA CAMISOLA DE FORÇA

Mr. Slang foi accender o cachimbo e verificou que estava sem phosphoros. Offereci-lhe a minha caixa, não aberta ainda. Elle rompeu o sello com a unha e, depois da primeira baforada, disse:

— O esforço que acabo de fazer para abrir esta caixa de phosphoros repete-se no Brasil 5 milhões de vezes por dia. Suppondo que um kilogrametro de força muscular dê para abrir 200 caixas, teremos um dispendio de 333 cavallos vapor para abrir os 5 milhões de caixas que se abrem diariamente, ou sejam, num anno, 121.500 cavallos. E' o esforço, o dispendio inutil de energia que um

M. S. B. 5

simples sello, grudado ás caixinhas de phosphoros, exige do paiz.

— Está interessante o seu calculo, Mr. Slang; mas a que vem elle?

— Para exemplificar de um modo en-tradiço pelos olhos como o systema tributario do Brasil, não contente de tomar dinheiro, toma tambem esforço. E' pois um systema de taxaçaõ nocivo ao paiz. Cobra duas vezes, uma em moeda, outra em energia humana.

— Mas a perda de 121.500 cavallos por anno é nada para um paiz tão rico em cavallos...

— Toda perda é uma perda, e não é só na taxaçaõ dos phosphoros que se dá esse desperdicio de força. Não conheço nenhum imposto que não cobre duas vezes. Um estudo neste sentido nos levará a resultados espantosos, pois verificaremos que talvez metade da energia brasileira se esvae em pura perda, na luta contra a feiçaõ anti-economica e incommoda dos impostos.

— Isso é verdade. Já lidei com o fisco e conheço os embaraços que elle cria para receber as taxas. Para *receber!* Qual será a causa disso, dessa mentalidade de cuscuta, Mr. Slang?

— E' mal que vem de trás, dos tempos

do Brasil colonia. Portugal, ao tomar posse da terra nova, cuidou de uma coisa só: o Fisco. A colonia existia para o Fisco. A Fazenda Real era tudo e os interesses do povo, nada. E o Fisco se organizou attendendo unicamente ás suas conveniencias. A inepecia desta concepção é que nos permittiu, a nós inglezes, tomarmos conta de todas as colonias lusas que nos convinham. Mas o Fisco organizou-se cá muito a commodo, sem respeitar coisa nenhuma além do seu interesse, pessimamente entendido, aliás. Veio depois a independencia, a monarchia, a Republica, e em todas estas mudanças se mexeu em tudo, menos no Fisco. Ficou elle com o mesmo arcabouço e a mesma psychologia colonial. Dahi a sua forma de castigo ao trabalho, de empeço aos movimentos livres, que caracterizam as taxas republicanas, culminadas agora no monstruoso e pihérico imposto sobre a renda. E o paiz que se desilluda. Não haverá progresso possivel enquanto não houver mudança de mentalidade a este respeito. Não é amarrando um homem e embaraçando-lhe todos os movimentos que esse homem ganhará corridas no "steeple-chase" internacional.

— E se fosse só isso! exclamei contristado. Ha ainda a iniquidade do imposto an-

ti-economico, o de barreira, por exemplo, e o de exportação. . .

Mr. Slang poz o chapéo na cabeça para regressar ao seu "bungalow". Erguemo-nos daquella agradavel sombra e partimos. A conversa proseguiu durante o percurso.

— Esse Ruy Barbosa que o Brasil tanto admira, disse elle, mas cujas opiniões sempre desprezou, teve a respeito do imposto de exportação palavras que me ficaram. Disse-as em carta ao meu velho amigo José Custodio Alves de Lima, que tanto se bateu contra tal imposto, sem ser ouvido: *O nosso empirismo tributario é um regimen de sangria expoliativa a que nenhuma nação, das mais vigorosas do mundo, resistiria. A escravidão fiscal desenvolvida com uma carnigaria cada vez mais voraz, pela União, pelos Estados e pelos municipios, não faz menos pela atrophia do nosso organismo nacional do que a escravidão negra, a que succedeu com vantagem na pertinacia e na estupidez. A furia do proteccionismo e a inconstitucionalidade chronica dos impostos interstaduaes são tres suicidios systematizados a que o Brasil se entrega impenitente e consolidado, como os manicacos do alcool, do opio ou da cocaina. Os nossos financeiros, creaturas da rotina, são os ministros conscientes*

da loucura deste outro vicio ethnicida, que mata nossa nacionalidade.

— Irra! exclamei. Não se póde fazer uma synthese mais rigorosa! O que me admira é que apesar disso o Brasil prospere.

Mr. Slang sorriu com piedade e replicou suavemente:

— O Brasil não prospera, meu caro. Não póde prosperar. Chamam vocês aqui prosperidade a um claro phenomeno de gigantismo. Ha deformação para o maior. apenas. Inchaço. Entre Argentina e Estados Unidos, dá-me o Brasil a idéa duma lesma sandwichada entre duas locomotivas. E' que o Brasil se affez á sua miseria chronica, como o chim, e não vê, e não compara. O Brasil, perdoe-me a sinceridade, é um pobre gigantão hebeté. Brinca com brinquedinhos de Nuremberg — a sua "immensa riqueza", a sua "intelligencia", etc., e já perdeu de todo a sensibilidade e o senso do real. Não é impunemente que se martyriza em camisola de força um pobre rapaz...

— Isso tambem não. A producção brasileira já sobe a cinco milhões de contos por anno, exclamei com orgulho.

Novo sorriso de dó aflorou aos labios de Mr. Slang.

— Cinco milhões de contos, para 30 milhões de habitantes, num territorio de 8 mi-

armes "Brasil"

— 70 —

lhões de kilometros quadrados! Quer dizer, uma producção annual correspondente a 4 mezes da fabrica Ford...

Dei um pulo para trás e por um triz não me despenhei num buraco.

— Será possível, Mr. Slang? Não está exagerando?

— Verdade purissima, meu caro. Em 4 mezes os 200.000 homens da Ford Motor Company produzem tanto como o Brasil inteiro em um anno... Creio que não é possível tornar mais flagrante a miseria, a infima força productiva deste paiz. E nem podia deixar de ser de outro modo. Com o regimen de impostos que tem, com a moeda que tem, com os vicios burocraticos que alimenta, ainda é muito que o Brasil faça o que faz. Mas o meu amigo sabe que na concurrencia da vida os povos que não se defendem, á força de progresso e efficiencia, mais dia, menos dia, perecem. O vosso Brasil perceberá...

— Os paizes não morrem. Mr. Slang. A morte é um phenomeno individual.

— *Est modus in rebus.* Neste territorio já houve um Brasil amerindio. Que é delle? Remanesce no fundo dos sertões, em tribus expulsas do litoral e condemnadas ao desaparecimento. Hoje temos um Brasil luso-

africo. Por que não ha de morrer, como morreu o Brasil amerindio? A terra fica, mas os povos passam. A historia está cheia de tentativas de povos, chrysalidas de nações, cascas de casulos donde não saíram borboletas.

— O seu receio parece-me infundado, Mr. Slang. Temos energias em estado latente, que explodirão no momento opportuno.

— Opportunidades só a esperam os fracos. Os povos fortes criam-nas. O Brasil vive a esperar uma vaga oportunidade enquanto seus vizinhos forjam a sua. A proposito, e como reflexo da mentalidade do paiz, occorre-me uma opinião do ex-presidente da Republica sobre as jazidas de ferro de Minas.

— Sei. Disse elle que eram uma reserva que nestes 200 annos poderiam valer muito e que deviamos deixar para os nossos netos.

— E' isso. Li essa opinião e assombrei-me. Si um homem expoente, e tanto que já presidiu á nação, pensa dessa fórma, que ha mais a esperar? Daqui a 200 annos podem dar-se, entre innumeradas, estas duas hypotheses: não ter mais valor nenhum o ferro, graças á descoberta de um metal novo, ou não

existirem netos herdeiros das taes jazidas de Minas. Si Cunhambebe pensasse assim em 1499 e não comesse as pacas de sua taba de Araribá, para que cincoenta annos depois as tivessem, multiplicadas, os seus netos, teria errado, evidentemente, porque no anno seguinte a apparição de Cabral viria transtornar a simplicidade desse calculo.

— Não ha duvida...

— Estenda o raciocinio a todas as reservas naturaes do paiz, á borracha, ao mate, á piassaba, ás madeiras, aos diamantes do Garça, ao manganez, ao babassú, á fertilidade da terra...

— Fertilidade da terra?

— Sim. O café de S. Paulo, por exemplo, não passa de um engenhoso meio de industrializar e commercializar a fertilidade da terra roxa, que constitue a riqueza de S. Paulo, como o ferro constitue a riqueza de Minas. Estenda o raciocinio e verá que botocudos nós não seriam vocês todos por cá, si a politica de conservar reservas fosse a seguida. Os povos que chamamos grandes são os que mobilizam as suas reservas naturaes. Os que não o fazem permanecem de tanga, com taboinhas no beijo.

— Donde se conclue que...

— Donde concludo que são tres horas e o café deve estar na mesa.

De facto. Mal puzemos o pé na varanda, o criado de Mr. Slang veio chamar-nos para o café. Ao tomal-o, Mr. Slang disse:

— Sabe qual é a multa que paga a lavoura de café pelo crime de produzil-o e permittir que com o seu producto o Brasil vá se aguentando? Nove por cento *ad valorem*, mais cinco francos por sacca, mais um mil réis ouro por sacca...

Fremi de horror e lembrei-me do Brasil amerindio desaparecido.



IX

DA PROTECÇÃO Á INCOMPETENCIA

Depois do café Mr. Slang levou-me para a sua bibliotheca. Muito falava elle na sua bibliotheca e eu tinha grande curiosidade de conhecê-la, imaginando coisa ali para 10.000 volumes. Enganei-me. A famosa bibliotheca se resumia numa edição da Encyclopedia Britannica, impressa em fino papel da India e encadernada em camurça.

— Só isto, Mr. Slang? exclamei desapontado.

— Acha só ao tudo? respondeu, rindo. Já possuo numerosos livros, mas desfiz-me delles, como de trambolhos, quando me convenci de que a Encyclopedia Britannica resume toda a sabedoria humana. Livros novos

chegam-me diariamente. Examino-os e devolvo-os ao meu belchior. Já li muito, meu caro. Hoje prefiro pensar. Entretanto, de vez em vez surgem livros que me seduzem. O ultimo que teve esse condão foi este, disse Mr. Slang, abrindo uma gaveta e tirando uma brochura nacional.

Reconhecia-a logo. Era a “Terra Des-humana”, de Assis Chateaubriand.

— Bravos! exclamei. Tambem li esse terrivel libello e muita curiosidade tenho de ouvir a sua opinião a respeito.

— Depois. Agora só quero accentuar o facto desta pequena brochura ter-me custado 8.000 réis. E’ caro. O gráo de cultura de um paiz mede-se pelo preço dos seus livros.

— A vida no Brasil é cara; tudo é caro entre nós. Paiz novo...

Desta vez Mr. Slang não sorriu como de costume, antes gargalhou, descompassado, com grande desapontamento meu. Espantou-me aquelle excesso em homem tão commedido.

— Paiz novo! repetiu Mr. Slang. Vejo esta razão apresentada muito amiude, como uma das formulas, uma das phrases feitas do brasileiro. Já meditou sobre ella? O Brasil é velho, meu caro, é um dos povos mais

velhos do mundo. Idade, nas pessoas ou nos povos, não se calcula pelo numero de annos. Ha velhos de vinte annos e septuagenarios moços. No Brasil só vejo signaes de velhice. A raça que o habita é o velhissimo portuguez, misturado com o archi-velho africano, mais o veneravel pelle-vermelha que por millenios sem conta occupou este territorio. A terra tem a idade commum de qualquer outro trecho da crosta terrestre. Paiz novo, por que?

— A raça é velha, concordo, e a terra tambem; mas o paiz é novo.

— Mas que é paiz senão raça numa terra? Como velhice-raça, mais velhice-solô póde resultar em mocidade? Os povos denunciam sua mocidade nas idéas, na alegria da vida, na nietzscheana vontade de poder. E' moço o povo americano, como é moço o povo allemão. O brasileiro é velhissimo. Onde o enthusiasmo creador, o impeto para fórmas só suas, o "rush" de avalanche para um "uber alles" qualquer? Dê-me um rapazola, seu patricio, que não pense com cerebro de setenta annos, e que ao sair de uma escola superior não aspire entrar na vida "já aposentado", isto é, "collocar-se" num dos quadros do monstruoso parasitismo burocratico que aqui rõe, como piolheira, o tra-

balho dos que ainda trabalham. Não me fale na mocidade deste paiz — e dado que existisse não vejo como poderia tornar-se causa do preço exagerado desta brochura. A causa real da vida cara no Brasil reside no proteccionismo.

— Orientação, aliás, fecunda, atalhei, pois sem elle não criaríamos as nossas industrias.

Nova gargalhada de Mr. Slang. O homem estava positivamente fóra dos eixos...

— Só uma coisa, disse elle depois que serenou, crea a industria, a boa, a solida industria que presta serviços á sociedade humana — e essa coisa é incompativel com o proteccionismo.

— ?

— A concorrencia. A humanidade sómente progride dentro do respeito ás leis biologicas. A concorrencia é a lei biologica do progresso. Tudo quanto impede, embaraça ou retarda a concorrencia actúa contra o progresso. O proteccionismo impede a concorrencia. Logo, é a morte da industria.

— Acho, disse eu, que Mr. Slang está hoje excessivo em suas affirmações — e paradoxal...

— Attenda-me e verá que não existe nas minhas palavras excesso nenhum. Que

é industria? Fazer uma coisa. Entre duas industrias, qual a melhor? A que faz melhor, a que produz melhor. A victoria da melhor, unica proveitosa para o mundo, vem á custa da derrota, á custa da suppressão da peor. Si uma força estranha intervem e impede o melhor de matar o peor, que succede?

— Regresso, perda, mal...

— E que é o proteccionismo sinão essa força estranha que impede a victoria do melhor e protege o peor? O proteccionismo não protege a industria e sim, apenas, a incapacidade industrial. Evita que o bom vença — e toda a communitade se beneficie com essa victoria. Perpetua o máo — e leva a communitade ao consumo forçado do máo producto, do producto que, pelas leis da natureza, deve desapparecer.

— Mas de outra fórma um paiz não póde ter industria, adverti.

— Não poderá ter industria de muletas, só de lucro para o industrial, pois o proteccionismo é o meio de crear esta monstruosidade. Mas que vantagem ha para um paiz em crear no seu organismo este inchaço simulador de gordura? A expolição nunca aproveitou a ninguem. Enriquece alguns individuos, mas empobrece a communitade. Si eu pago tres mil réis por um máo produ-

cto que poderia obter, optimo, por dois, empobreço-me de um mil réis. Ha vantagem para um individuo ou para um paiz em empobrecer-se de um mil réis que seja?

— Quer dizer que ha duas industrias, uma de serviço social e outra de...

— De pilhagem, de expolição. A primeira enriquece os paizes e beneficia a todos os homens. A segunda só beneficia, e momentaneamente, o expoliador.

— Momentaneamente, apenas?

— Sim. Como outros perderam para que elle ganhasse, baixou o nivel da prosperidade do paiz e o industrial momentaneamente favorecido irá mais tarde, por si ou seus filhos, soffrer as consequencias dessa baixa da prosperidade geral.

— Realmente. Parece-me que Mr. Slang tem toda a razão... conclui, pensativo.

— Transporte o proteccionismo para outro campo e verá como se torna clara a demonstração. Supponha dois medicos numa pequena cidade, um bom, outro máo. O bom, visto que cura os doentes, attrahe enorme clientela. O máo vê-se ás moscas. Mas intervem o proteccionismo. Uma lei municipal põe guardas á porta do bom medico e cobra uma taxa feroz de cada cliente que

o procura. Os ricos se arrumarão. Pagarão a taxa e terão a boa assistencia. Os pobres, e elles constituem os 99 % da cidade, não podendo pagar a taxa, recorrem ao máo medico. Este prospera, está claro, enriquece; mas lucrou com isso a communitade? Cresceu o indice da saude geral?

— De facto, uma cidade assim pereceria. Mas que ha de fazer o máo medico? Morrer de fome?

— Está claro. Só tem direito de fazer uma coisa quem a faz melhor que os outros. E' a lei do progresso.

— De modo que para Mr. Slang as nossas industrias protegidas constituem um mal... Mas não negará que muito nos serviram durante a conflagração européa.

— Ponto a discutir. Mas dou de barato que assim tenha sido e pergunto si é argumento sério. Conservar no organismo uma ordem de coisas viciosa, que o debilita, que o mata, só porque num eventual caso de guerra possa tornar-se um momentaneo bem, será formula defensavel? Faz-me lembrar um homem que andasse leguas e leguas descalço, a ferir as solas nas pedras do caminho, só para beneficiar-se com a frescura da agua de um riacho eventual que tenha de passar a váo. A Argentina, que não tem industrias falsas, não se arrumou perfeita-

M. S. B. 6

mente durante a conflagração? Não saíu ganhando, não está mais prospera do que nunca, enquanto que o Brasil geme no atoleiro, enterrado até ao nariz?

Mr. Slang tinha razão e eu não quiz insistir em minhas tolas objecções. Mudei de assumpto e interpellei-o:

— Voltando atrás, que acha, Mr. Slang, de “Terra Deshumana”?

Mr. Slang não respondeu de prompto. Ficou como quem procura uma formula synthetica para definir um caso difficil. Depois disse:

— Um retrato de corpo inteiro, feito por um mestre retratista.

— Parecido?

Mr. Slang vacillou.

— Um tanto enfeitado, respondeu por fim. O pintor deu ao original um vulto que me parece fóra da realidade. Desenvolveu a Carlyle o que apenas fazia jús a estylo de relatorio clinico. Houve erro de amplitude, evidentemente.

Preparei-me para ouvir uma alta revelação. Mr. Slang, entretanto, calou-se e, ao voltar-se para metter na gaveta a “Terra Deshumana”, deu com o braço numa estatuetta que havia sobre sua secretaria. O bronze veio ao chão e fez em cacos. Não era bronze, era barro bronzeado, apenas.



X

DO CAPITULO QUE FALTOU

— Lá se foi o meu escriba! exclamou Mr. Slang, de olhos postos na estatueta em cacos.

Era uma reproducção em terra cõta do menos hieratico remanascete da arte egypcia, hoje no British Museum.

— Tinha valor a reproducção? perguntei.

— Apenas como documento de que até na Inglaterra se bronzea o barro, o que é um contrasenso. A patina de bronze dá ao barro o aspecto, não a dureza, que é o que vale. Comprei-a no Strand, por occasião da minha ultima visita a Londres.

— Mas voltando atrás, Mr. Slang, que acha de "Terra Deshumana"? insisti.

— Acho-a logica em excesso. O vulto

ali descripto assume proporções carlyleanas e quasi caberia num segundo volume do “Heroes and Hero-Worship”, que se intitulasse Municipal-Herces and Municipal Hero-Worship”. Na Grecia tambem havia deuses e semi-deuses. Vejo uma fórmula baixa de heroismo na resistencia municipal do retratado.

— Tambem me parece isso. Só não acceito os meios de que lançou mão.

— Poderia escolher outros meios?

— Devia escolhel-os. Fazendo o que fez, lançou mão de meios immoraes, depriuiu o paiz, rebaixou-lhe o character, já fraco, e com isso produziu um mal maior do que não resistindo.

Mr. Slang concluia com menos precipitação. Tinha sangue de juiz inglez nas veias e ponderava muito antes de emittir sentença.

— Os phenomenos sociaes são bastante complexos, meu caro. Do mal nasce o bem e não raro do bem nasce o mal. No governo passado eu vejo males terriveis que podem florir em maravilhosas messes de bem...

— Por exemplo...

— A hostilidade, a guerra, a destruição da economia paulista, sob pretexto de que estava em desequilibrio com o resto do paiz.

General Vazquez de
Koch, Madrid

— 85 —

trouxe, como reflexo, a idéa da estabilização, isto é, uma situação fixa que não permitta "nunca mais" taes attentados. O excesso de mal trouxe um bem. Outro mal que trouxe um bem foi a exagerada corrupção da imprensa. O governo novo já reagiu e saneou o paiz da innominavel infamia. Si essa corrupção tivesse sido moderada e discreta, quem sabe si não continuaria inda hoje esse regimen? Outro: o odio e o favoritismo levados ás ultimas. Esses excessos patentaram de tal arte os vicios do systema, que o instincto da conservação nacional fez surgir um homem cujo lemma é o opposto: "Nem rancor, nem favor". Em summa: o ex-governo forçou no actual uma verdadeira reversão de processos, que não viria, talvez, si houvesse commedimento na passada inversão moral. Tudo isto me leva a conclusões oppostas ás do autor da "Terra Des-humana". Acho que o ex-governo foi o mais fecundo de Republica em resultantes beneficadas. Creou a mentalidade estabilizadora, que vae dar as verdadeiras bases da prosperidade deste paiz, e demonstrou a necessidade da moralidade administrativa.

— De modo que para bem julgar o ex-governo devemos esperar as realizações do seu successor. Pragmatismo...

— Perfeitamente. E si estas realizações forem o que eu espero, os brasileiros estarão no dever de erigir uma estatua ao homem mal comprehendido que, espancando sem piedade um organismo semi-inerte, arrancou-o, pela dôr, ao marasmo. Até a revolução, que esse homem provocou e conservou até o fim, vae resultar em frutos benéficos. A revolução é o meio mechanico que teem os povos de apressar o dia de amanhã. Assim na França, na Inglaterra, na Russia, em todos os paizes que evoluem.

Ora, a revolução se limitava aqui a episodios, curtos demais para produzirem effectos. Elle fomentou a revolução longa de que o paiz precisava. Donde concluo que nenhum homem de governo, no Brasil, ainda lançou mão de meios mais adequados para forçar o advento das tres coisas que o paiz mais pedia: base fixa para os negocios, moralidade administrativa e reforma no processo da representação politica. A estatua ao ex-presidente terá forçosamente este distico: "Ao creador, por meios indirectos, da moeda ouro, da moralidade no governo e do voto secreto, o povo agradecido".

— Voto secreto, tambem?

— Sim. Quem falava em voto secreto annos atrás? Um ou outro raro ideologo pre-

geheime Wahl

— 87 —

gava-o ás brisas. E essa fórmula eleitoral, hoje victoriosa no mundo inteiro, só neste paiz era desconhecida. Faltava-lhe propaganda. Faltava um chefe de estado que por excesso de abuso na formação dos poderes provasse a urgencia de ser instituido o voto secreto tambem no Brasil. Essa prova o ex-governo a fez. E fez mais: forçou a revolução a tomar como lemma o voto secreto, tornando-o conhecido e discutido no paiz inteiro. O voto secreto virá e a estatua ao ex-presidente consignal-o-á entre as benemerencias a elle devidas...

— Muito bem, Mr. Slang. Acha então que o prudente é suspendermos o juizo sobre o ex-governo, á espera das realizações do governo novo?

— Sim, porque o governo novo constitue a segunda parte do governo velho, do qual é filho. Constitue a parte constructiva. E taes sejam as suas construcções, quem sabe si um dia até os encarcerados da Trindade não abençoarão o homem que, consciante ou inconscientemente, forçou a nota do mal e fez que delle abrolhasse o bem? Deus escreve direito por linhas tortas, diz a sabedoria popular.

— De modo que "Terra Deshumana"...

— E' um precioso livro. Todas as fi-

Alle die sich für die Kunst der Sprache interessieren
sind in dem Buch von Prof. Dr. ...

nuras da logica ali se encontram empenha-
das em fazer fiel um retrato. E podemos
medir da bravura desse livro pela violencia
dos ataques com que o aggridem. Aceito-o
plenamente como obra de arte, como primor
de esgrima. Apenas lhe reconheço uma fa-
lha, a ausencia do capitulo principal, o em
que se ponha em suspenso o veredicto, pela
admissão da hypothese que acabo de ex-
pende.

— A hypothese do ex-governo visar o
bem pelas linhas tortuosas do mal, tem
graça...

— Não digo “visar”, pois não possuo
elementos para essa averiguação puramente
psychologica e, portanto, impenetravel. Di-
go “chegar”.

— Si não houve a visada consciente do
bem, isto desmerece a obra, tira-lhe a justi-
ficativa unica, que seria a intenção moral.

— Que importam ao paiz intenções? Só
valem as resultantes positivas.

— Sempre pragmatista, o meu Mr.
Slang! Creia que admiro a frieza desse seu
cerebro britannico. Nós aqui, mais ardoro-
sos, queremos, além dos resultados, as in-
tenções.

— Infantilidade. O inferno está cal-
çado de boas intenções e não ha motivos



para que as pessimas não levem muita gente ao céu.

Mr. Slang tocou a campainha e guardou silencio até que apparecesse o criado.

— Leve daqui estes cacos, ordenou-lhe.

O criado trouxe uma vassoura e varreu os fragmentos do escriba. Emquanto isso Mr. Slang dizia:

— Tenho minhas opiniões sobre o Egypto. Parece-me uma civilização que morreu por excesso de escribas...

— Pobres escribas! Como poderiam esses humildes parasitas dar cabo de uma civilização?

— Por escriba entendo o burocrata, a gente que passa a vida a encher de letras o papel branco. Elles vão suffocando o paiz e matando a vida, porque substituem movimento por gatafunhos. Tenho a impressão de que os escribas é que suffocaram o Egypto, tornando-o inerme ante as invasões.

Mr. Slang ficou de olhar absorto, como quem está a ver para dentro ou muito longe. Tirei-o daquelle estado com uma pergunta que de longo tempo trazia engatilhada.

— E aqui, Mr. Slang? Que acha da nossa burocracia? Terão forças os nossos escribas para tambem asphyxiar a vida do Brasil?

Mr. Slang não respondeu de prompto. Continuou inda por uns instantes absorto. Depois acordou e, como que estremunhado, disse:

— Aqui? Sim, aqui... Aqui a burocracia já devorou todo o Norte, está paraly-sando esta cidade do Rio e tende a descer para o Sul. E assume aspectos ineditos no mundo. Mas depois veremos isto. O xadrez está arrumado e é impolido de nossa parte fazer que duas nobres damas nos esperem...

Arrumamos as pedras e Mr. Slang fez o gambito da rainha.



XI

Buro Bratic

DA "ESTRADA ALEGRE"

As sahdas de gambito sempre me atrapalharam, de modo que no quarto lance já Mr. Slang tinha o lucro de um peão. O meio de equilibrar o jogo era fazel-o falar e, assim, distrair-se. Traição? Que importa! Era Mr. Slang um filho da perfida Albion e pois eu vingaria uma parte infinitesimal das perfidias feitas ao mundo pelo molosso britannico.

— Acha então, disse-lhe eu, que a nossa burocracia já paraly sou metade do paiz?

O meu inglez largou do peão que tinha comido e accendeu o cachimbo.

— Sim, affirmou. Está já roendo o osso. Ha tempos fiz um passeio a Minas e

vi lá, numa velha fazenda, um quadro con-
tristador. Era um cavallo aposentado do
serviço e solto no campo para que morresse
em paz. Sua magreza era tamanha que me
despertou a curiosidade. Approximei-me...
Não era mais um cavallo. Era uma piolheira
sobre quatro patas. Não teria talvez um
millimetro de pelle livre de parasitas — e
parasitas bem magros, porque o sangue já
se fazia pouco para tantos. Puz-me a refle-
ctir sobre a estupidez do dono do cavallo e
sobre a estupidez maior dos parasitas.
Aquelle multiplicar-se excessivo iria matar o
cavallo, e com elle a piolheira. O Brasil é
isso, meu caro, pelo menos no norte...

Horrorizei-me com a imagem de Mr.
Slang e protestei:

— Mr. Slang exagera evidentemente.
O Brasil não está assim tão parasitado...

— Queria mais? Não ha serviço publi-
co que não empregue cinco homens, pessima-
mente pagos, para fazer, malfeitissimamen-
te, a tarefa que um só, bem pago, faria a
contento. Essa é a formula da burocracia
brasileira, da qual decorrem tres males: pre-
juizo do serviço publico, miseria do funcio-
nalismo e roubo de actividade á producção
privada.

— Ha um quarto mal, adverti. A corrupção...

— Simples capitulo da miseria. Quem ganha o insufficiente para viver não póde resistir a tentações. Note que eu não faço ao character brasileiro o máo juizo commum. Acho-o até de um fundo mais honesto que o de muitos outros povos. As circumstancias, porém, impellem o brasileiro á deshonestidade.

— A miseria é má conselheira...

— Má e engenhosa. Os artificios que aqui vejo empregados pela burocracia para augmentar seus rendimentos são habilissimos. Calculo que em cada orçamento da Republica 200.000 contos se vão em comissões. O governo paga em tudo quanto compra 20 % a mais sem que o perceba — e a coisa é feita de modo tão habil que governo nenhum tem meios de impedir o latrocinio.

— E si fosse só isso! exclamei pensando nas gorgetas chamadas de “lubrificação”. Nada corre sem propinas, Mr. Slang!...

— E' verdade. O publico paga duas vezes. Já tive negocios em varios ministerios e sei que sem azeitar as rodas a machina não gyra. Ha nisto dois males: a demora inevitavel no andamento dos negocios do

Estado e o encarecimento dos serviços. Tudo porque a miseria da burocracia fôrça-a a transformar-se em camorra para viver.

Emquanto Mr. Slang dissertava, eu estudava a situação do jogo, o que me permitiu um lance feliz. Mr. Slang esqueceu a burocracia e remergulhou no xadrez. Minutos depois vi-me na necessidade de distrahir-o de novo.

— E a Central, Mr. Slang? interpellei-o de surpresa.

Mr. Slang sempre achou uma graça infinita na nossa via-ferrea. Chegou até a escrever para o "Scribner's Magazine" um "sketch" humorístico cujo thema era a Central. Sua pachorra o levava a fazer viagens nessa linha apenas pela viagem, achando-as mais divertidas que qualquer outro espectáculo humano. Sempre que nas nossas partidas de xadrez fiz vir á baila a Central, vi Mr. Slang sacrificar o seu jogo, e por isso tenho, cá no coração, uma grata sympathia pela nossa pittoresca via-ferrea. Fez-me ganhar, no minimo, umas dez partidas mal paradas...

— A Central! exclamou elle. Da ultima vez que viajei nella, quando o comboio parou na Barra, descii, a espichar as pernas. E estava nisso quando cruzou por mim um

preto de boné, que vinha dando pancadas de martello no eixo dos carros. Essa operação fazem-na elles, religiosamente, sempre que pára um comboio nas estações. Perguntei-lhe:

— Amigo, porque é que você espanca assim os eixos?

Com a testa a borbulhar de suor, olhou-me o preto com esse ar hostil que tem o nacional da plebe para com o estrangeiro bem posto, e disse, de máo modo:

— Sei lá! Ha dezeseis annos que estou neste emprego e ninguem nunca me fez semelhante pergunta. Bato porque meu serviço é bater, hom'essa!...

E Mr. Slang riu-se gostosamente.

— Esse funcionario, continuou elle, dá-me a perfeita idéa da burocracia brasileira. Ella faz uma série infinita de coisas sem a menor idéa do "para que". O "sei lá" do negro do martello é a resposta que todos terão para perguntas identicas, relativas ao serviço de cada um. Não ha finalidade nos nossos serviços publicos, a não ser dar emprego ao maior numero possivel de parasitas. Bem publico, utilidade — nada disso tem que ver com a burocracia.

— E que acha que deva o governo fa-

zer, Mr. Slang? Qual o meio de corrigir-se isso?

Mr. Slang estava nesse dia de muito bom humor. Assim foi que me respondeu de um modo desnorteante:

— Corrigir, para que? Si é um elemento do pittoresco local, para que destruil-o? Todos os povos possuem os seus caracteristicos. Na Allemanha podemos observar a organização levada a extremos inconcebíveis. Nos Estados Unidos vemos a efficiencia como a mira de tudo. Modos de ser de cada povo. Si o Brasil prefere o pittoresco, respeitemos-lhe a preferencia...

— Esse ponto de vista, exclamei abespinhado, será o de um estrangeiro que não se liga de amor a este paiz. Um nacional nunca poderá encampal-o.

— Tem razão o meu caro amigo. Confesso que moro no Brasil apenas levado pelo meu amor ao pittoresco. As coisas brasileiras divertem-me tanto... Não as quereria na Inglaterra, está claro. Mas aqui, onde funciono de espectador apenas, confesso não desejar mudanças. Gosto muito de Mark Twain e possuo toda a sua obra. Pois creia que a Central, por exemplo, me diverte mais que "The Stolen White Elephant", a obra prima, para mim, de Samuel Clemens. Ora,

o Brasil não é tão rico em coisas originaes para que destrua, reorganizando em moldes civilizados, a sua ultra-pittoresca estrada de ferro...

— Mas o paiz paga muito caro esse pittoresco, Mr. Slang!

— Não se gabam tanto vocês das immensas riquezas do Brasil? Que é pois que se empreguem parte dessas riquezas na manutenção de um pittoresco inedito no mundo?

— Que crueldade! As vidas que a má direcção da via-ferrea custa ao paiz, os prejuizos á producção, nada disso conta para Mr. Slang...

— Faz parte do preço do espectáculo. Mas o espectáculo vale! E o governo novo me terá contra si, caso mexa naquillo. Uma das ultimas scenas do espectáculo "E. F. C. B.", a "crise do carvão", que conheço por dentro minuciosamente, é tão curiosa, é tão engraçada que não resisti a mandar notas a respeito ao meu velho amigo Bernard Shaw, do qual justamente hontem recebi resposta.

Mr. Slang tirou do bolso uma carta em inglez, assignada pelo mordaz petroleiro, hoje premio Nobel. Dizia, entre outras coisas:

"Dá uma opereta maravilhosa! Já es-

M. S. B. 7

crevi ao Franz Lehar, propondo a musicalização do “sketch” que compuz com as tuas notas. Si elle acceitar, teremos um “numero” de sensação.”

— Que tristeza, Mr. Slang! exclamei sinceramente compungido no meu patriotismo.

— Tristeza? Vae ser de alegria pura essa opereta. Até no nome — “Estrada Alegre”... concluiu elle, cachimbando com satânico deleite.

Nesse dia vinguei-me do inglez da Tijuca dando-lhe um cheque mate de surpresa, daquelles que desapontam até aos indesapontaveis filhos da perfida Albion.



XII

DOS DIREITOS IMMORAES

O meu cheque-mate era dos que irritam o commum dos jogadores. Mr. Slang, porém, não se irritava nunca. O equilibrio dos seus nervos jámais se rompia, excepto para manifestações hilariantes quando o thema era a Central. Começámos nova partida e, antes de sair com o peão da dama, disse-lhe eu:

— E' muito facil criticar a nossa pobre Caveira de Burro. Mas ninguem aponta o meio pratico de endireital-a.

Mr. Slang sorriu de novo. A idéa da "Central" fazia-lhe cocegas incoerciveis..

— Como não? disse. Dêem-lhe um objectivo technico, e ella se regenerará.

— O objectivo de todas as estradas sempre foi realizar transporte.

— Devia ser esse o objectivo de todas as estradas; no entanto, o mundo está cheio de excepções. Umas teem por objecto dar ensejo a jogo de titulos na bolsa. Outras visam apenas dar dividendos. Pouquissimas teem o transporte rapido, barato e seguro como o fim supremo da sua existencia. A nossa Central parece-me que traz como objectivo divertir-nos...

— Não é tanto assim, Mr. Slang. A Central presta muitos serviços e, embora não seja um modelo, como a Paulista ou a S. Paulo Railway, faz o que póde.

— E' pouco fazer o que póde. A uma estrada como essa o que cumpre é fazer o que deve. Conhece a historia da Detroit-Toledo & Ironton?

— Não.

— Pois vale por historia muito illustrativa. Foi uma especie de "Central" dos Estados Unidos. Nunca deu lucro, arrecadava 100 e gastava 150, servindo pessimamente ao publico. Quebrou diversas vezes, foi reorganizada outras tantas e por fim tornou-se a armadilha financeira mais duvidosa da America. Chegou a cair em abandono. Es-

tava nesse miseravel estado quando Henry Ford a adquiriu.

Mr. Slang interrompeu-se nesse ponto para responder com jogo identico á minha sahida de peão da dama. Depois continuou:

— Comprou-a por 5.000.000 de dollares e a primeira coisa que fez foi mandar varrel-a. Ford é um grande inimigo do lixo. Quando entra na posse de qualquer fabrica ou mina, primeiro a varre — para ver claro, diz, e ainda porque considera a sujeira um luxo muito caro.

Depois de varrida a estrada, elevou fortemente o salario dos homens. Em troca exigiu de cada um oito horas de trabalho.

— Essas oito horas já davam elles antes, observei.

— Engano. Oito horas de trabalho para Henry Ford não querem dizer oito horas de acto de presença no serviço. Querem dizer oito horas de trabalho real e continuo.

— Isso me cheira a absurdo, disse eu. O trabalho numa estrada é forçosamente subdividido. Um machinista, por exemplo, que chega ao fim da sua viagem antes de completar as oito horas, tem de vadiar as restantes, a não ser que ganhe por hora de trabalho real, o que tornará incerto o seu salario.

— Assim é, de facto, no mundo inteiro, salvo na Ironton, replicou Mr. Slang. E foi o abandono desse regimen que transformou essa “Central” na mais rendosa e perfeita estrada de ferro americana.

— Como?

— Chega o machinista ao termo da sua viagem e não tem mais locomotiva a conduzir? “All right”! Vae completar suas oito horas com o serviço que houver. Vae varrer a estação, vae capinar o leito da estrada, vae arrumar o lastro...

— Mas isso não é trabalho de machinista! exclamei.

— Eis o segredo de Henry Ford, explicou Mr. Slang. Não ha categorías de trabalho nas suas industrias. Não ha trabalho mais nobre ou menos nobre. Ha trabalho apenas. Varrer ou desenhar plantas: tudo é trabalho. E como elle paga um salario magnifico em troca de oito horas de trabalho, seja este qual fôr, ninguem se recusa ou escapa de dar realmente oito horas de esforço — e não, como aqui, oito horas de “empaliação”.

— De facto, si é assim...

— E' assim, e nisto está o grande segredo desse genial reformador da industria. Um agente de estação, por exemplo, quando

não tem serviço de agente, vae varrer, vae trabalhar de pedreiro, de pintor ou de carapina, no reparo do predio da sua estação. Resultado: o trabalho na Ironton passou a render de tal modo que essa estrada poude realizar todos os seus serviços de maneira perfeita e com o emprego de muito menos gente. Antes occupava 2.700 homens para um trafego de 5 milhões de toneladas; hoje emprega 2.300 para um trafego de 10 milhões...

— E dá lucro?

— Deu de lucro, o anno passado, 2 1/2 milhões de dollares, isto é, metade do que custou... A relação entre a despesa e a receita passou de 150 % a 60 %.

—E' maravilhoso!

— Mais maravilhoso ainda é o facto de ter-se tornado a Ironton um mimo de eficiencia, asseio e ordem, trazendo satisfeitos os que trabalham nella (pois são os ferroviarios que mais ganham no mundo), o publico, que jámais teve melhor transporte, e o dono, que aufere uma renda soberba. Antes da applicação do methodo Ford, os empregados se queixavam, queixava-se o publico e queixavam-se os accionistas.

— Realmente. O trabalho, só elle, resolve todos os problemas da vida!...

— O bom trabalho. O trabalho dirigido por um cerebro que sabe o que é a efficiencia.

— E que é efficiencia, Mr. Slang? Abusa-se aqui desta palavra, e eu confesso que não lhe apprehendi integralmente o sentido.

Mr. Slang collocou um cavallo na terceira casa do rei. Em seguida respondeu:

— Efficiencia é fazer ponta no lapis com o córte em vez de com as costas do canivete; é ir de bonde para a cidade, em vez de ir a pé; ir de auto em vez de ir de bonde; ou ficar em casa, quando nada ha que fazer na cidade. Diz Ford que efficiencia é carregar um tronco de arvore numa carreta em vez de carregar-o ao hombro. Efficiencia, em summa, é fazer o contrario, exactamente o contrario do que faz a nossa administração publica em todos os seus departamentos.

— Mr. Slang acha então que si a Central...

— ... apontasse o lapis com o córte, em vez de o fazer com as costas do canivete virava incontinente uma Paulista, uma Iron-ton.

Sahi tambem com o cavallo do rei, em

jogo symetrico ao do meu parceiro. Em seguida adverti:

— Do que Mr. Slang acaba de dizer concludo que com um pouco de boa vontade poderemos endireitar a Central.

Mr. Slang meneou a cabeça.

— Absurdo. Nunca o Brasil endireitará essa estrada. Não existe essa intenção em ninguem. Os politicos se beneficiam com o seu máo estado. Milhares de parasitas perderiam as têtas si ella entrasse nos gonzos. A regeneração da Central só aproveitaria ao publico, unica entidade sem a menor voz activa em coisa nenhuma neste paiz.

— Mas o facto da politica e os parasitas se beneficiarem com o desmantelo da Central não provará que até no desmantelo ha um lado benefico?

— Para os bacillos que roem os pulmões de um doente nada mais benefico do que a debilidade geral do organismo deste doente. Sem ella não viveriam elles. Mas que acha o meu amigo de um medico que á cabeceira de um doente vacillasse na cura, em attenção aos bacillos que lhe devoram os pulmões?

— Um absurdo, isso. Medico nenhum vacillaria entre a cura do doente, benefica a elle e a toda a comunidade, e a manuten-

ção do estado de doença, só benefico aos bacillos.

— Pois todos os nossos governos vacilam. Nenhum delles se anima a sanear a Central, em attenção aos bacillos que a veem entisicando. Os parasitas gosam de “direitos adquiridos”.

— Não póde haver aquisição de direitos immoraes, nocivos á sociedade humana, adverti.

— No Brásil ha. Bôa parte do que aqui recebe o nome de direito adquirido é synonimo de abuso, de lesão do direito natural que tem uma commuidade de se defender contra os parasitas sociaes. Eis por que não creio no vosso paiz. E’ um paiz errado. Tem que desapparecer...

— Emquanto isso não acontece, vou “desapparecer” do jogo este seu cavallo, Mr. Slang. Como-o com o meu bispo e com a sua licença...

Disse e fiz. Comi-lhe o cavallicoque, com intimo deleite de vingança. A patria dentro de mim gosava-se da replica inflingida ao implacavel dolichocephalo ruivo...



XIII

Morine Keen

DO PARASITISMO CAMUFLADO

No dia seguinte, quando penetrei no *cottage* de Mr. Slang, estava o meu homem a fazer recortes de jornaes.

— Não sabia que era colleccionador, Mr. Slang, disse-lhe á guisa de saudação.

O inglez respondeu-me apontando para varios *scrap-books*, gordos de tantos recortes grudados.

— Já formei sete volumes de 500 paginas cada um e estou no fim do oitavo. Dúvido que haja um brasileiro possuidor de tantas notas sobre a vida do Brasil. Ha 40 annos que faço isto e não dou a minha collecção por dinheiro nenhum.

Dali a falar de jornaes foi um passo.



— Os jornaes brasileiros são muito curiosos, disse Mr. Slang. Nunca sabem o que dizem, mas reflectem como espelho a vida desta terra — para quem sabe lê-los. O meu systema não é colleccionar artigos. Recorto dos artigos o que me interessa: quatro, dez, ás vezes vinte linhas. Um artigo não passa de enchimento ou farofa para pôr em relevo uma idéa ou factó. Deito fóra o farello e guardo o factó ou a idéa. Hoje, por exemplo, estou a collar um factó bastante significativo, embora bem commum por aqui. Encontrei-o no relatorio do meu amigo Renato Jardim, o novo director da instrucção municipal: uma escola que existe e não existe.

Abri a boca.

— Como póde existir o que não existe, Mr. Slang? Parece-me um contrasenso.

— Uma “cosa brasileña”, apenas. explicou elle, como ha “cosas de España”...

— Trata-se de...

— De uma escola profissional, e de nome pomposo — “Escola de Aperfeiçoamento”, que custa ao thesouro 140 contos annuaes, que tem director, professores, empregados, etc., mas não tem casa, nem alumnos.

— Como? E’ um absurdo!

— Existe só no orçamento, eis ahi.

— Assombroso!...

— O assombroso é que ha innumerous serviços assim, com existencia só no orçamento. O facto de não existir a escola accentúa apenas a deshonestidade, mas si ella existisse e não prestasse nenhum serviço estaria aparentemente justificada, embora dêsse na mesma. Ha numerosos serviços publicos desta ordem, carissimos, e da mais absoluta inocuidade. Existem apenas como ninho de parasitas.

Calei-me, reflectindo na verdade daquillo. Quantas repartições não conhecia eu, méros ninhos de parasitas!

— Olhe, disse Mr. Slang abrindo o livro de "Cosas brasileñas", aqui está outra curiosidade. Uma villa bahiana cuja arrecadação municipal é de oito contos. Veja como se distribue a despesa.

Lancei os olhos para o recorte e assombrei-me. Os oito contos eram totalmente empregados na paga dos vencimentos do prefeito, dos fiscaes e agentes arrecadadores.

— Curioso, não? disse Mr. Slang a sorrir, no enlevo d'alma do colleccionador que exhibe um achado raro. Pois o municipalismo no Brasil, segundo as notas que tenho neste livro, quasi que se resume nisso.

Em 90 % das Camaras a receita só dá para o pagamento do pessoal arrecadador. E' um dos mais bellos casos de parasitismo que possuo em minha collecção.

Mr. Slang, soube-o mais tarde, dedicava-se ao estudo do parasitismo humano e tinha idéas de publicar na Inglaterra um tratado a respeito. A razão da sua residencia no Brasil prendia-se a taes estudos.

— O campo cá é maravilhoso, disse-me certa vez. Em parte nenhuma do planeta o parasitismo se aperfeiçoou tanto, nem assumiu tão engenhosas fórmulas. O Brasil póde gabar-se de um "record"...

Entristeci-me com o caso da escola. Por mais que procure desinteressar-me das nossas cousas, não o consigo, e isso me faz infeliz.

— Diga-me, Mr. Slang, que remedio a sua experiencia aconselha para esse mal?

Mr. Slang sorriu com malicia.

— Por que mal? Acho até um bem. Na minha idade o homem se torna sceptico e passa a vêr as coisas atravez de um prisma muito diverso do da mocidade. Eu hoje só quero o pittoresco. Olho tudo pelo prisma esthetico. Vejo paizagens humanas, nas quaes o parasitismo figura como um elemento esthetico de muito valor. Si depen-

desse de mim, confesso que estimularia inda mais o parasitismo brasileiro, para vêr até que ponto podem os agrupamentos humanos comportal-o. O parasitismo é a lei da humanidade. Uma creatura parasita outra...

O cynismo de Mr. Slang horrorizou-me. O Brasil para aquelle homem não passava de uma cobaia immensa...

— Mas si fosse na Inglaterra, que faria? interpellei-o.

— Bom, o caso ahi mudava. A Inglaterra é a Inglaterra e merece até dos inglezes scepticos o sacrificio dum ponto de vista puramente de arte. Si fosse o caso na Inglaterra, e a mim incumbisse destruir o parasitismo, a primeira coisa que eu, como governo, faria era constatar a existencia delle.

— Isso não é resposta, Mr. Slang. Si elle existisse, *ipso facto* teria a existencia constatada, com perdão do gallicismo.

— Engano. O parasitismo é machiavelico e vence como o camaleão, á custa de disfarçar-se e justificar-se como sendo coisa util. Temos, pois, antes de mais nada, de desmascaral-o, pôl-o a nú, provar que não passa de *camouflage* da utilidade. Exemplo. Ha aqui uma Bibliotheca Naval. Fui outro dia lá pela primeira vez, em consulta a um

alfarrabio. Casarão enorme e vasio. Em vez de consulentes, empregados bocejantes, que matam o tempo a ouvirem o caruncho roer a livralhada. Pedi o livro, e emquanto esperava puz-me a observar aquelle curioso caso de parasitismo e a calcular o quanto já teria custado á nação.

— Mas a marinha precisa de uma bibliotheca, exclamei.

— Precisar á apenas de livros e poderia tel-os na Bibliotheca Nacional, com enorme economia publica, não acha?

— Realmente...

— Agora pergunto eu, continuou Mr. Slang: e precisar á o Brasil de marinha?

Arregalei os olhos.

— Hom'essa! Onde já se viu paiz sem marinha?

Mr. Slang ia muito longe em sua logica ingleza.

— Marinha é coisa que a Inglaterra creou por necessidade, e como veio por obra da necessidade, possue-a efficientissima, des-empenhando uma missão defensiva real. Os outros paizes europeus imitaram-na, uns por puro espirito de imitação, outros para equilibrio de forças com vizinhos hostis. Isso lá. Mas aqui? Que é que significa a vossa marinha?

— Defesa das costas... suggeri.

— Mas será com meia duzia de calhambeques antiquados que se defendem umas costas tão largas como as do Brasil? Haverá algum almirante ou grumete que acredite na efficiencia defensiva da vossa marinha? Algum paiz do mundo por acaso a teme?

— Realmente, de um ponto de vista elevado assim é.

— Imagine agora todo esse dinheiro, os milhões de contos, que o Brasil despendeu até hoje na manutenção desse bric-a-brac de ferro, puro mostruario retrospectivo do navalismo dos ultimos decennios, imagine todo esse dinheiro invertido em obras uteis!

— E si se visse atacado por mar esse Brasil sem marinha, mas cheio de obras uteis?

— Succederia o mesmo que si fosse atacado tendo isso que lhe custou milhões e que ingenuamente considera marinha. Marinha é arma que ou é marinha, á ingleza, efficientissima, ou não é coisa nenhuma. E o mesmo direi do exercito.

— Que? Até o exercito, Mr. Slang?

— Exercito ou é ou não é. Efficiente, é. Inefficiente, não é. Pergunto: é o nosso exercito efficiente?

M. S. B. 8

Fiquei embasbacado. Mr. Slang estava positivamente delirando .

— O dever de um paiz consiste, primeiro, em crear riquezas, desenvolver-se. Depois, cuidar da defesa dellas, mas a sério. Ter appparelhos de defesa para inglez vêr é *camouflage* de parasitismo das mais onerosas. Si não tem estradas, si não tem instrução, si não tem riquezas, como enterrar-se de dividas para fingir que tem dentes?

— Fingir, Mr. Slang?

— Ponha a mão na consciencia, meu amigo, e responda-me se é assim ou não. Calei-me.



XIV

DA CABEÇA E DA MÃO

Aquellas idéas de Mr. Slang sobre o parasitismo camuflado impressionaram-me profundamente. Cheguei a convencer-me de que o Brasil era a fragillima nação que é porque finge ser o paiz que não é.

— Mas acha, Mr. Slang, insisti, que a nossa marinha constitue um méro pretexto para gastar dinheiro?

— Que duvida! Si não tem efficiencia, de modo nenhum se justifica. E a sua inutilidade aggravou-se depois do apparecimento do avião. Correspondem hoje, os carissimos couraçados e cruzadores, ás velhas armaduras de aço. Emquanto os combates eram a arma branca, desempenhavam as armaduras o seu papel; mas logo que sobre-

veio a invenção da pólvora, tornaram-se inúteis. Que diz o meu amigo de um exercito que hoje apparecesse em campo raso com os seus homens revestidos de pesadas armaduras medievaes?

— Que era um exercito de bobagem.

— E que diz da nação que gasta milhares de contos por anno para a conservação de umas armaduras marinhas, que já tiveram o seu tempo, mas de que se riem hoje os aviões? Que vale um *dreadnough*? Para que conservar, á custa dos olhos da cara, custosissimos mostrengos que um pequeno avião manda ao fundo com a maior facilidade? Parasitismo, meu caro. O Estado é uma sociedade anonyma que explora o imposto e impõe-se aos povos á força de dar-se como necessario. Exercito, marinha e todas as mais creações do Estado só existem para justificar a extorsão de impostos e a manutenção de um bando immenso de parasitas. aqui e em toda a parte.

— Que absurdo, Mr. Slang! exclamei horrorizado com o anarchismo daquellas idéas, admissivel num russo mas inconcebivel num britannico.

Elle, porém, explicou-m'as de um modo muito claro.

— Si nenhum povo possuísse exercito e marinha, que succederia?

— Ficavam indefesos...

— ... e simultaneamente inoffensivos. Consequencia logica: desaparecimento da guerra no mundo. Um bem, pois. E si constituiria um bem a extincção dos exercitos e das marinhas, quer isso dizer que a existencia delles é um mal.

— Theoricamente está certo, Mr. Slang. Mas seria necessario que todos os povos os supprimissem, o que não se dá. E si existem povos carniceiros como leões, que se armam até aos dentes, os outros se vêem forçados a fazer o mesmo.

— Sim, a armarem-se. Mas acha que é armar-se possuir carissimos aparelhos de defesa que não funcçionam, por antiquados ou ineptos?

— Sua logica é terrivel, Mr. Slang, mas no caso brasileiro de nada vale. E' impossivel extinguir aqui os aparelhos de defesa inuteis e quasi sempre voltados contra o paiz. O povo brasileiro não o consentiria.

— Diga que o parasitismo camuflado não o consentiria. O pobre povo moureja na labuta pelo pão e só quer socego — socego que os aparelhos de defesa deste paiz, parece-me, não lhe permittiram ainda...

Ri-me das extravagancias de Mr. Slang. Estes inglezes teem cada uma... Mas concordei que a logica no Brasil não funciona e que o parasitismo camuflado defende-se.

— Defende-se tanto, meu caro amigo, confirmou Mr. Slang, e aperfeiçoa-se tanto, que um dia os povos perdem a paciencia e espojam-se nas revoluções. E' o meio de que usam os cavallos para se libertarem dos parasitas.

— De que valem taes violencias? Desapparece uma forma de parasitismo e surge outra. O parasitismo é irreductivel...

— De facto assim tem sido, mas ha esperança de que um dia a humanidade possa ver-se livre dessa monstruosidade.

— Um dia!... exclamei num muxoxo de incredulidade.

Mr. Slang não se deu por vencido.

— Ha cem annos a escravidão parecia indestructivel. Hoje está quasi totalmente extincta. Eu creio no progresso moral do homem.

— E crê tambem no governo novo? perguntei, mudando subitamente de assumpto.

— Não ha governo novo, respondeu elle; o governo é uma continuidade ininter-

rupta. Ha homens novos á testa de uns tantos serviços que mudam de chefes de quatro em quatro annos.

— Mas crê nesses homens?

— Vejo em quasi todos elles uma qualidade muito séria — honestidade, o que já é muito em vista dos ultimos quatro annos de inversão moral que o paiz teve. Poderão limpar um bocado o sujissimo apparelho do Estado e fazer as coisas dentro da lei. Só.

— E acha pouco?

— Acho. A rigorosa applicação das leis brasileiras não trará nunca felicidade ao paiz. São leis-cipós, que enleiam os homens e lhes embaraçam os movimentos. Além disso, o regimen no Brasil é o inominavel disparate physiologico do corpo com tres cabeças autonomas — os tres poderes. A natureza não creou nada com tres cabeças.

— As minhocas teem duas.

— Duas apenas, e por isso, envergonhadas, mettem-se pela terra a dentro. A tricephalia é pura monstruosidade anatomica.

— Mas na Inglaterra tambem é assim.

— Engano. Na Inglaterra a cabeça é uma só, o Parlamento. O executivo é mão.

— E o judiciario?

— Um méro ajustador. Não é poder.

— Mas aqui, na realidade, a cabeça é o executivo. Dá na mesma.

— Não sei, exclamou Mr. Slang com certa bonhomia, si dará na mesma attribuir ao que é mão funcções de cerebro. A experiencia do passado quatriennio parece-me decisiva. A mão executiva pensou e agiu como cinco dedos...

— Já com o governo novo não se dará isso. E' mão limpa.

— Logo, o systema brasileiro está errado, concluiu Mr. Slang. Equivale a um jogo. Fica de quatro em quatro annos na dependencia da qualidade da mão que o empolga.

— De facto assim é. Mas o Congresso, como o temos, não merece ser o detentor da hegemonia. Si a mão do executivo não lhe puzer freios, não sabemos s onde irá parar o paiz...

— Si o mandatario é incompetente o povo que lhe casse o mandato e escolha outro á altura da missão.

— Mas o nosso povo é incapaz de escolher. Não tem a cultura, nem a educação moral necessaria para escolher.

— Nesse caso, como vive o seu paiz sob forma de governo representativo? Não acha um monstruoso contrasenso?

Mufafis
Kij
Wahl

Não tive por onde escapar. Mr. Slang levava-me á parede.

— A democracia, Mr. Slang! exclamei, fazendo phrases. As conquistas democraticas, a integração republicana da America...

Mas o inglez viu que eu brincava e mudou de assumpto.

— Já leu isto? perguntou-me, tirando da estante um pequeno livro escolar.

Corri os olhos pelo titulo: "Little Arthur' History of England", de Callcott.

— Neste livrinho, continuou elle, aprendi os rudimentos da formação do meu paiz. Aqui no capitulo VIII trata a autora, em linguagem ao alcance de qualquer menino, de como se formou o parlamento inglez. Cada cidade enviava ao rei tres ou quatro dos seus homens mais habeis, os quaes se reuniam numa casa dicta, em velho inglez, "Witena-gemot", ou reunião de homens avisados. Reuniam-se e davam opinião sobre as leis que o rei queria fazer. E o povo só acceitava as leis dos reis quando seus homens as consentiam. Assim nasceu o parlamento e com esta funcção se tem conservado até hoje. Cá no Brasil as coisas parecem-me diversas. Ser representante do povo constitue apenas uma profissão altamente remunerada.

— Quer dizer...

— ... que essa funcção, como tudo mais, degenerou aqui em parasitismo.

— Pobre Brasil! exclamei compungido. Tudo nelle degenera...

— Até o xadrez. Passa de arena de lucta silenciosa a campo de debates, concluiu Mr. Slang, aquilotando philosophicamente o seu cachimbo de louro "Navy Cap."



XV

DA IMPORTAÇÃO DE CEREBRO

Estavamos na sala de jantar quando sôu a campinha. A criada foi attender e logo voltou a dar conta do que era. Vinha sorridente, toda enlevada numa cesta de frutas artificiaes que trazia na mão.

— Está ahi um sujeito, disse ella a Mr. Slang, que vem offerecer esta “belleza” de frutas. Dez mil réis só...

Era evidente o interesse da criada em que o patrão adquirisse a “belleza”.

— São comestiveis? perguntou-lhe Mr. Slang.

— São de cêra, respondeu a criada.

— Pois nesse caso devolva-as ao homem. As frutas teem para nós uma funcção muito séria, minha filha: serem comidas. E estas

você mesma declara que são de cêra, substancia que nem as abelhas, suas fabricantes, me consta que comam.

A criada olhou-o com assombro. Não podia admittir que um homem tão rico recusasse ter á mesa de jantar aquelle primor de arte. Permaneceu irresoluta, como á espera de que Mr. Slang voltasse atrás na sua decisão. Mas Mr. Slang manteve-se firme.

— Leve-as ao homem, repetiu. São frutas para inglez vêr — e já as vi.

A criada foi-se e Mr. Slang, voltando-se para mim, disse:

— Bem curiosa esta sua patria, meu amigo. A terra dá tudo, já disse, creio que o Vaz Caminha. No entanto, para que houvesse frutas nas mesas, foi necessario que apparecessem por aqui uns slavos emigrados, fabricantes de frutas... artificiaes. Não ha casa burgueza onde não figurem, nos *etagères*, as taes frutas de cêra que tanto seduziram a minha bôa Dolly.

— E' que as casas burguezas não podem tel-as naturaes. Nossas frutas são caras como as joias e os livros. Muita praga, Mr. Slang. Paiz quente...

Mr. Slang sorriu e disse:

— Está ahi um juizo dos que chamo apressados. A praga é universal, mas o ho-

mem aprende a livrar-se della. Inda ha pouco li no *Geographic Magazine* um estudo sobre o combate a uma praga da canna no Haway, ilha quente. A victoria foi completa. E não precisamos ir muito longe. Em S. Paulo a campanha de Arthur Neiva contra a praga do café vae surprehendendo pelos resultados. Não é a praga que nos encaresce a fruta, meu amigo, e sim a falta de transporte. O Brasil está parado porque ainda não se convenceu de que é tão absurdo um paiz sem vias de transporte como um corpo sem arterias e veias por onde circule o sangue.

— Realmente! E tanto que, mal sobrevem a arterio-esclerose, o organismo humano começa a decair...

— Exacto. Esclerose quer dizer decadencia das estradas de rodagem do sangue. Pois [O] Brasil tem o seu systema de arterias e veias completamente esclerosado. Chamam estradas aqui a sendas de boi e burro por onde o transporte de uma tonelada de carga se faz pelo mesmo processo, com a mesma lentidão e preço de seculos atrás. Isso torna o lucro do productor praticamente igual a zero e eleva o preço de venda dos productos a niveis fantasticos.

— Mas o remedio, Mr. Slang? perguntei.

— Difficilimo, respondeu elle. Remedios para tudo neste paiz só vejo os indirectos.

Admirei-me da resposta. O remedio contra a má estrada sempre me pareceu a boa estrada.

— Como, Mr. Slang? O remedio contra a má estrada ou a ausencia dellas é directissimo, é estrada!...

— Parece... respondeu o inglez. Si assim fosse, o problema seria dos mais simples e já estaria resolvido. O remedio é, como eu disse, indirecto. Para ter a rede de estradas que a sua economia está pedindo, só possui o Brasil um meio: importar cerebro.

Decididamente Mr. Slang extravagava.

— Importar cerebro?!... repeti, franzindo a testa. Não entendo...

— Sim. As nossas más estradas decorrem do máo cerebro que ha por aqui. Para tel-as boas está claro que antes de mais nada havemos de importar bom cerebro. Que cerebro temos aqui? O luso, o africo, o amerindio. São os brasileiros uma fusão de tres cerebros anti-estradeiros. As estradas de Portugal e suas colonias são deficientes ou

más; as de Africa são trilhas e as dos ame-
rindios eram picadas pelo seio das florestas.
O brasileiro não possui, pois, a mentalidade
estradeira, isto é, não reconhece, não admit-
te, não concebe que a estrada é tudo num
paiz, mas absolutamente tudo! E' a instru-
ção, a riqueza, a defesa, a ordem, a lei, a
policia, o progresso, a felicidade...

— A fruta barata...

— A fruta barata, sim, e baratos tam-
bem a carne, os cereaes, a roupa e a casa.
Ha dias li no "Today and Tomorrow" do
immenso Henry Ford, um livro que está fa-
zendo furor no mundo mas que vocês inno-
centemente ignoram, uma opinião sobre o
Brasil. Diz elle: "For while Brazil takes up
one fifteenth of the earth's surface and has
extraordinarily rich natural resources, it has
not had transport facilities for development.
*A country develops only according to the
ease of transport, and most of Brazil has only
six months of transport by motor because,
during the other six months, the roads are
too heavy for any car to force through.*"
Vê? Ford tem a mentalidade dos povos es-
tradeiros e sem nunca ter estado aqui com-
preendeu o que pouquissimos brasileir's
comprehendem.

— Não ha duvida. As affirmações de

Henry Ford são categoricas. “Um país só se desenvolve por meio da facilitação do transporte.” E’ isso mesmo. Mas o assombroso phenomeno norte americano explicar-se-á apenas pelo transporte?

— Passei o mez de outubro na America do Norte, respondeu Mr. Slang, e posso dizer que não sahi do meu automovel. Em quatro semanas percorri 24.000 kilometros, ou seja uma media de 800 por dia.. Para percorrer esta mesma distancia no Brasil, S. Paulo fóra, o brasileiro vê-se forçado ao dispendio de 666 dias!

— Que calculo extravagante é esse. Mr. Slang? Não estou entendendo.

— Muito simples. Quantos kilometros póde um homem viajar no Brasil, a cavallo, que é o meio de conducção possivel nesta terra?

— Seis leguas, sendo homem resistente. Seis leguas por dia, durante 30 dias, valem por *tour de force*.

— Pois está ahi o meu calculo .O heróe que nesse andar quizesse percorrer cá os 24.000 kilometros que eu, commodamente e sem o menor cansaço, fiz em outubro nos Estados Unidos, teria de gramar 666 dias em lombo de matungo. Duvido que tal heróe supportasse a tortura...

Fiquei a reflectir nas carradas de razão que tinha o meu inglez. Mas a historia da importação de cerebro ainda me importunava os miolos.

— Está bem. Seu calculo está certo, Mr. Slang. Só não comprehendo o remedio: importação de cerebro como meio de ter estradas.

— Explico-me, respondeu elle. Por importação de cerebro entendo immigração, entrada de europeus. Noto que no Brasil só ha estradas em S. Paulo, Santa Catharina e num outro trecho onde penetrou cerebro europeu. E concludo dahi que, praticamente, o problema só se resolverá por essa forma indirecta.

— Mas S. Paulo cuida cada vez mais de estradas e não podemos attribuil-as ao europeu. Os autores desse movimento foram os paulistas.

— De facto, vejo os paulistas no leme da administração. Mas não contassem elles com a força propulsiva da população rural, já muito infiltrada de cerebro europeu, e estariam, como os mineiros, no carro de boi ainda.

— Minas tambem já começa a pensar em estradas.

— Começa... Levará um seculo come-

M. S. B. 9

çando. Sem importação de cerebro aquelle zebú não perde a giba.

— Acho que Mr. Slang tem razão, exclamei, ao recordar-me da campanha feita em S. Paulo contra as estradas de rodagem. Insultavam de “estradeiro” ao presidente que iniciou o movimento...

— Cerebro, meu caro. O Brasil tem que importar cerebro. Com este cerebro velho, cheio de teias de aranha e bolor, nada vae. No governo novo vejo um moço que me parece significar cerebro revitalizado, desse que o Brasil precisa.

— Victor Konder?

— Sim. O pouco de cerebro que entrou no seu estado natal, Santa Catharina, já creou lá o systema de arterias e veias que as condições requeriam. O problema brasileiro se resume em eliminar da raça que povoa este territorio o peso retrogrado de certos elementos que a compõem.

— Enxertia...

— Sim. Enxertar cerebro novo no cerebro velho.

Nisto a criada entrou, ainda com as frutas artificiaes na mão. Vinha insistir com Mr. Slang para que adquirisse a obra prima.

Mr. Slang riu-se e murmurou para mim:

— Vê? A minha Dolly é como o Brasil. Também gosta de illusões. Vou ver se descubro algum cirurgião que lhe abra o craneo e metta dentro um pouco de cerebro novo.



XVI

DAS FRUTAS E LIVROS

No outro dia Mr. Slang contou-me que a Dolly tinha comprado a cesta de frutas de cêra para enfeite do seu quartinho.

— Quando a mentalidade é viciada, disse elle, ha uma resistencia passiva ás taes verdades que entram pelos olhos. A bôa Dolly cedeu ás minhas razões só apparentemente. No fundo está convencida de que a funcção das frutas não é só servir á alimentação. Equipara-as ás flores e as quer como enfeite. Tal qual o Brasil com a sua mariinha e as mil outras frutas artificiaes que lhe desangram o orçamento.

Não concordei com a inclusão da mariinha entre os nossos arrebiques.

— Perdão, Mr. Slang. Um espirito justo como o seu não deve insistir em fazer máo juizo da nossa marinha, disse-lhe com patriótica severidade.

— Não faço máo juizo, meu caro. Considero-a apenas como um luxo em excesso caro para um paiz que vive á custa alheia.

A offensa fez-me vir o sangue ás faces.

— Mr. Slang!... exclamei em tom de censura.

— Sim! retrucou elle, irritado. O Brasil vive de empréstimos, cujos juros não paga. Sou um dos seus credores. Tenho titulos dos quaes não recebo juros. Posso falar. Vive de empréstimos, a hypothecar quanto possue e não me parece honesto que gaste um dinheiro que não é seu em exhibições de povo rico.

Mr. Slang estava inteiramente fóra da sua calma habitual. Que sensível é o bolso dos homens!

— Perdão, Mr. Slang! Somos um povo soberano...

— Cada vez menos, atalhou elle.

— Como? exclamei, a soffrear a minha indignação. Mr. Slang insulta-nos!...

— Cada vez menos, repito. Quanto mais um devedor se enterra em dividas, me-

nos soberano se torna. Ha annos que não recebo os juros do dinheiro que de bôa fé emprestei ao seu governo. Fui enganado e a soberania do seu paiz já não impede que eu lhe atire isto em rosto.

— Perdão! O “funding” foi um accôrdo entre duas partes.

— Accôrdo imposto pelo devedor relapso, gritou Mr. Slang.

Tive impetos de estrangular o meu inglez, mas contive-me. Estrangulal-o com argumentos, já se vê, pois eramos dois homens civilizados, liberrimos em nossas idéas e portanto incapazes de uma scena indecorosa. Faltou-me o argumento estrangulador e silencieei.

Arrefecido o assomo do credor lesado, Mr. Slang, com toda a calma, disse:

— A marinha brasileira faz a funcção das frutas de cêra da Dolly. Enfeita o paiz. Em caso de guerra para o Brasil ou de fome para a Dolly, ambos comprehenderão a inutilidade e o erro do enfeite que finge coisa util.

— Mas não convem remodelar a marinha num momento em que a aviação parece que a vae substituir. Somos prudentes. Estamos a ver onde param as modas.

Mr. Slang achou uma certa graça no meu adjectivo “prudentes”.

— Notò, disse elle, que floresce nestas plagas uma logica especial. Chamam vocês prudencia não fazer uma coisa antes que essa coisa seja feita por todos os outros povos. Na Inglaterra chamamos a isso imprudencia... No dia em que Blériot traspoz de aeroplano a Mancha, a commoção da Inglaterra foi tremenda. Era o primeiro homem que penetrava em nosso territorio sem nos pedir autorização. E como onde entra um podem entrar milhões, a Inglaterra cuidou immediatamente de crear uma frota aerea que fosse a mais poderosa do mundo. A isto, sim, chamamos prudencia.

— Mas a Inglaterra conserva a sua esquadra.

— Conserva-a-á em quanto durar o periodo de transição. Mas conserva-a em perfeito estado de efficiencia, o que não se dá aqui. Lá será a marinha, ainda por alguns annos, uma arma do uso real, bem conservada e prompta para agir, mas desde já relegada para a segunda plana. Todos os cuidados hoje são para com a frota aerea — que nenhum povo possui melhor que nós. Mas aqui? Nada aereo ainda e, no mar, as frutas de cêra da Dolly...

Aquelle assumpto me era doloroso e mudei de rumo.

— Basta, Mr. Slang. Quero agora que me diga porque razão incluiu hontem o livro entre as frutas e as joias.

— Não fui eu quem fez essa inclusão, respondeu Mr. Slang, foi o seu governo.

— Como?

— Não acompanhou o debate do caso pelos jornaes? Pois o governo mantem o papel para livros taxado com imposto equivalente a 170 % sobre o custo.

— Que horror, meu Deus!

— Mais que a seda. A seda paga de 80 a 100 %.

— E' impossivel! exclamei attonito. E' um crime, isso!

— E fez mais, meu caro. Deu entrada franca de direitos aos livros impressos em Portugal. Quer dizer: creou um proteccionismo ás avessas — favores á industria de lá contra a similar de cá.

— Impossivel!...

— Essa taxa tornou o livro tão caro como a fruta, e hoje só os ricos podem ler.

— Mas como explica o facto, Mr. Slang? Quem teria interesse nessa perseguição ao livro?

Mr. Slang sorriu com maliciosa displi-
cencia.

— Que ingenuo é você, meu amigo! Todo o mundo sabe a historia da taxa sobre o papel, que surgiu em 1918. Um passe do congresso. Dizem que houve um honrado senador que não resistiu á injuncção de duas centenas de contos... e fez elevar a taxa do papel, bruscamente, de 10 a 300 réis.

— Que miseria, meu Deus! Esse homem merecia ser inimigo do dr. Bernardes e passar uns annos de villegiatura na Clevelandia. Esfaquear a cultura da sua patria pelas costas, por trinta dinheiros...

— Duzentos, aliás... E a coisa vae ficando. A cultura não consegue derrubar essa taxa. Editores ingenuos dirigem-se ao Congresso com lamurias. O meio positivamente não é esse...

Puz a mão na boca de Mr. Slang. Meu pudor de brasileiro não podia admittir que saísse dos seus labios a solução certa. Infelizmente a solução que elle ia apontar era a unica certa...

— Mudemos de assumpto, Mr. Slang. Esse caso é tão triste que me dá vontade de chorar. Vamos ao nosso xadrez.

Mr. Slang concordou e passamo-nos para a varanda.

Emquanto arrumavamos as pedras, contou-me elle de uma conversa que dias antes tivera com um editor. Homem positivo e sem teias de aranha no cerebro, para o qual a sciencia da vida se resume em dansar conforme tocam. “Quando veio a isenção para os livros impressos em Portugal, disse elle, tratei logo de montar lá a officina graphica que pretendia montar aqui, e tenho ganho um dinheirão! Emquanto os meus collegas do Rio choram e lamuriam perante o Congresso, que é surdo quando não ganha para ouvir, vou-me enchendo de arames. Meu lucro é o imposto que os collegas de cá pagam. Tenho sobre elles uma vantagem de 1\$300 em cada kilo de livro, vantagem automatica, decorrente, não do meu trabalho ou do aperfeiçoamento da minha producção, mas apenas de ter-me collocado no ponto estrategico. Pois si o governo protege a industria impressora de lá contra a de cá, o intelligente é passarmo-nos para lá, não acha? Que façam os outros o mesmo, em vez de se arrepellarem e irem fallindo um por um...”

Senti um aperto na alma deante daquellas revelações, mas fui arrumando as pedras e saí com o peão do rei. Mr. Slang fez jogo identico e depois saiu com o cavallo. Eu es-

tava com a idéa longe dali e em dado instante, involuntariamente, pensei em voz alta:

— Que cavallos!...

Mr. Slang surprehendeu-se com a intempestiva exclamação e olhou-me a fito. Atrapalhei-me e, para remendo, disse:

— Sim, que cavallos... mal feitos, estes cavallinhos de xadrez, não acha?

Mas o raio do inglez percebeu o que me ia pelo cerebro e retrucou de modo a me fazer admirar a sua penetração.

— Não ha cavallidade nenhuma nessa desatensão aos reaes interesses do paiz. Ha má fé nuns poucos espertalhões e uma infinita incuria na massa dos congressistas. Já assisti a varias sessões da camara e assombrei-me do que nellas se chama votar.

Tambem eu conhecia o Congresso, e sabia muito bem o que alli se chama votar.

— E o remedio, Mr. Slang? perguntei ingenuamente.

— Não ha remedio, respondeu elle, sorrindo. E' a quarta vez, hoje, que você me pede remedio, como si minha funcção na vida fosse receitar para o Brasil.

Calei-me e mergulhei-me no jogo. Mas antes disso ainda houve tempo de passar pelo meu cerebro a lembrança de dois remedios. Um, o de Capistrano de Abreu: vergonha.

Outro, o de um meu amigo de S. Paulo, Maneco Lopes: páo.

Mr. Slang pela segunda vez leu-me o pensamento e murmurou entre dentes.

— O remedio é um só, e sempre o mesmo: cerebro.

De facto. E' o remedio para tudo. A surra que nesse dia levei no xadrez provou-m'o sem demora.



XVII

DOS "LADRÕES"

A varanda do "cottage" de Mr. Slang dava para os fundos de uma casa em abandono. Della podia se ver, nesse quintal, uma caixa d'agua que nunca se enchia, apesar da torneira de alimentação conservar-se permanentemente aberta. E' que a caixa, roida pela ferrugem, vasava em numerosos pontos.

Como eu puzesse os olhos na caixa furada, Mr. Slang disse:

— Ha mezes que está assim, desde que o ultimo inquilino deixou essa casa. E sempre que a vejo tenho a sensação physica dos orçamentos do Brasil.

Estranhei a comparação.

— Explique-se, Mr. Slang.

— Muito simples. O orçamento do Brasil compõe-se de uma torneira como aquella, a Receita, e de uma infinidade de “ladrões” por onde a agua escapa. Sabe o que é “ladrão”, em technica hydraulica?

— Sei. Falso escapamento de agua.

— Isso. Ha “ladrões” em excesso na caixa d’agua do thesouro deste paiz. O dinheiro se escôa em pura perda por milhares de canaliculos insidiosos, com prejuizo da nação e das obras publicas. Eu, si fosse governo, supprimia os impostos anti-economicos que estão empobrecendo o paiz, e para compensar o desfalque das rendas tapava os buracos.

— Supprimia os “ladrões”...

— Exactamente. Com a simples supressão dos “ladrões”, os saldos avultariam. Calculo em 200 mil contos o dinheiro escoado por esses canaliculos em cada anno fiscal.

— Duzentos mil, Mr. Slang? Não está exagerando? exclamei, incredulo.

— Falo com base. Um dos ultimos presidentes americanos, creio que Harding, fez isso na America do Norte. Depois da guerra o orçamento americano tambem se encheu de “ladrões”. O desperdicio das rendas publicas tornou-se assustador e o presidente

resolveu pôr-lhe o basta. Para isso escolheu um grupo de auxiliares honestos e mandou-os inspeccionar em segredo todos os serviços publicos e anotar tudo que representasse desperdicio. A machina administrativa do paiz foi assim revisada d'alto a baixo, sem que o funcionalismo o percebesse.

De posse dos elementos necessarios, o presidente operou os cortes e obturou os "ladrões". Sabe qual foi o resultado?

— Economias, está claro.

— Uma redução de 800 milhões de dollares nas despesas.

Levei tamanho susto que por um triz não cahi de costas. Oitocentos milhões de dollares eram assopro violento demais para a minha fraca mentalidade de mil réis.

— Oitocentos milhões? urrei, com os olhos tão arregalados que, disfarçadamente, Mr. Slang chegou a tirar o phone do gancho.

Recahi em mim e disse-lhe, envergonhado:

— Não chame a Assistencia, por favor. Não é caso. Assustei-me, mas já passou. Oitocentos milhões! E' dinheiro!...

— E esse corte se operou sem o menor prejuizo dos serviços publicos, ao contrario...

— Sem o menor prejuizo! repeti arre-

galando de novo os olhos. Quer isso dizer que...

— Que si o vosso governo fizesse coisa parecida, os resultados seriam identicos. Só com a economia assim conquistada poderia o Brasil liquidar a sua divida externa em menos de dez annos.

Continuei de olhos arregalados, absor-to, a pensar naquillo. Mas as objecções acudiram-me logo.

— Lá tudo é possível, Mr. Slang. Que não fará um paiz que adoptou a lei secca? Mas aqui? Um absurdo!

— Por que?

— Ha os direitos adquiridos.

— Já vimos o que isso vale e não consigo admittir que certas medidas de simples honestidade só possam ser applicadas na America do Norte. Apesar de britannico, vejo o Brasil com melhores olhos do que a maioria dos brasileiros. Noto entre vocês uma descrença excessivamente generalizada.

— E temos razão para isso, gemi, lembrando-me do quatriennio sinistro.

— Terão razões, mas não terão o direito de descrer do paiz. A bôa vontade e amor ao bem publico operam prodigios.

— Sei disso. Mas a nossa mentalidade politica se divorciou demais do bem publico.

Perdeu-o de vista. Só enxerga o bem pessoal.

— Não participo dessa descrença, meu amigo. Basta que um homem no alto creia no bem publico para que os maiores milagres se operem. E isso é mais facil no Brasil do que em qualquer outra parte, uma vez que a forma real de governo aqui é a de uma perfeita dictadura sob apparencias constitucionaes.

— Facil de dizer, Mr. Slang. Os obices são tremendos...

— Mas não insuperaveis. Não ha obives insuperaveis para a bôa vontade. E eu já noto por cá um começo de reviravolta na mentalidade. Conhece o vendeiro ali da esquina?

— O Ferreira, sei...

— Pois converso com elle ha annos e sempre o vi feroz contra os governos do Brasil, não admittindo hypothese de regeneração. Mas hontem estive lá e achei o meu homem mudado. Perdeu a carranca. Já sorri, coisa que passou os ultimos quatro annos sem fazer.

— “Que é isso, senhor Ferreira? Todo risonho...” disse-lhe eu.

O homem acabava de ler um jornal amarello.

— “E’ que, respondeu-me, as coisas estão com o seu geitinho de mudar. Estes vé-tos parciaes... ha de crer que me tenho regalado com elles? Si continuam...”

— E’ o que dizem todos, observei. Ha um *si* de expectativa geral. Tudo está em que continue, porque o povo anda sceptico a respeito de vassouras novas. Todas varrem bem no começo. Qual a sua opinião intima, Mr. Slang?

— Eu de mim estou que as vassouras de bôa piassava varrem bem de começo a fim. Em todo o caso, espero. Tenho tido minhas desillusões. As mais das vezes a vassoura é bôa, mas os amigos do lixo travam a mão ao varredor.

— Continua o *si*, portanto... murmurei, desconsolado.

Neste momento entrou a Dolly, com a sua cesta de compras ao braço. Deu-nos o *good evening* e passou.

— A Dolly, por exemplo, disse Mr. Slang, voltando ao começo da nossa conversa. Dou-lhe para as despesas da casa metade do que dava á sua antecessora, e passo melhor. E’ uma Harding de saias, que supprimiu todos os “ladrões” deste meu *home* de solteirão.

— Numa casa é facil, mas num paiz... adverti, sceptico.

— Si Harding fosse vivo discordaria da sua opinião, meu amigo. Elle foi a Dolly dos Estados Unidos e achou facilima a tarefa. São sempre faceis as tarefas que recebem apoio da opinião publica.

— Mas teremos nós opinião publica?

Mr. Slang olhou-me surpreso.

— Bôa pergunta! disse. Que somos nós aqui sinão duas bocas da voz publica? E a esta hora pelo paiz inteiro milhões de bocas como as nossas estão a cochichar opinião.

— Cochichar, diz bem, Mr. Slang. E por isso os governos não a ouvem. Fala a coitada tão baixinho...

— Já começa a falar pela boca das carabinas. Dar tiro não me parece cochichadela, concluiu Mr. Slang.

Puz-me a arrumar as pedras no taboleiro com um pouco mais de fé na nossa regeneração. O optimismo de Mr. Slang erguera-me o animo.

Nisso chegaram as folhas da tarde., Abri "A Noite" e procurei ansioso novas politicas de Minas. Achei-as. O homem que bombardeara S. Paulo fôra indicado para senador... Opinião! Opinião!...



XVIII

DO SUPPLICIO DA SENATORIA

Passei uma semana sem subir á Tijuca. O estado de sitio chegára ao fim e o meu tempo era pouco para a leitura das folhas. Com que gana se desforravam ellas do longo periodo de arrolhamento, pondo de novo na rua os velhos adjectivos embolorados pela Censura!

Muita graça achei na volupia com que a expressão “negro burro” passou a rebo-lar-se no papel impresso — expressão que mezes antes, cochichada que fosse, conduzia incontinente ás geladeiras.

Subi, afinal. Encontrei Mr. Slang “respi-gando pittoresco” nas folhas da ma-nhã.

— Sua safra de recortes deve ter sido abundantissima, disse-lhe eu. Os jornaes andam agora de encher o olho.

Mr. Slang primeiro marcava a lapis azul os trechos a recortar. Depois mettia a tesoura, quando não encarregava dessa tarefa a boa Dolly.

— Nem por isso, respondeu-me elle. Tem vindo á tona muito menos do que eu esperava.

— Pelo amor de Deus, Mr. Slang! Acha pouco?

— Não é que ache pouco. Um millesimo disto punha abaixo uma situação na Inglaterra. Mas estou vendo que o grosso não transpirará.

— O grosso? repeti admirado. Haverá um grosso?

Mr. Slang sorriu com evidente piedade da minha "sancta simplicitas".

— Tenho um amigo no Banco do Brasil, disse elle, que conhece a conta corrente secreta desse estabelecimento com o governo. Mostrou-me apontamentos — e si não me assombrei é que tenho quarenta annos de vida no Brasil.

— Mas não acha, Mr. Slang, que devia o novo governo publicar isso?

— Não. O novo governo está empe-

nhado em por fim á revolução e não é lançando lenha ás fogueiras que se extinguem fogueiras.

— Não entendo...

— Si conhecesse a tal conta corrente entenderia. Não ha homem de sangue vivo que ao conhecê-la não sinta impetos de ir incorporar-se aos revoltosos. Si o governo a publicasse, esse simples facto redundaria em tamanho augmento da columna Prestes que, babau! lá se ia a legalidade. O governo novo é prudente. Não procura apagar incendios com jactos de gazolina.

— Mas os crimes não devem ficar impunes. Diz o brocardo: *fiat justitia pereat mundus*.

— Ha uma idéa mais intelligente que a d'esse estúpido e cruel brocardo e nessa idéa se assenta o moderno conceito de justiça. E' a substituição do *pereat* pelo *floreat*. Faça-se a justiça para que prospere o mundo. Si de um acto de justiça redundar mal maior, essa justiça é injusta.

— Quer dizer que Mr. Slang defende a encampação pelo governo novo das deshonestidades do velho...

— Nem defendo, nem vejo encampação. Acho apenas que é sabia a politica do ponto final e consequente "vita nuova".

Havia aqui na chacara vizinha um monturo. Veio um jardineiro inepto e o revolveu. A consequencia foi adoecer esse homem e ficarmos, eu e a Dolly, com o ar empestado por dois dias. Um monturo, com ser revolvido, não deixa de ser monturo — e empestado. Além disso, dinheiro que vòta não volta mais.

— Essa sua theoria é commoda. Graças a ella desaparece do mundo a responsabilidade criminal.

— As minhas theorias decorrem das condições por assim dizer personalissimas do ambiente brasileiro. Está claro que na Inglaterra não poderei pensar deste modo.

— Dois pesos e duas medidas...

— Certamente. Na Inglaterra ha, perfeita em sua formação, uma coisa que mal se esboça aqui — consciencia moral. Um crime lá é um crime.

— E aqui?

— Não ha crime em terra de consciencia moral em germen. Note como no Brasil se divide a opinião. O mesmo factó, tido como crime horrendo por uns, é louvado por outros. Não ha crime no Brasil. Matar, desviar dinheiros publicos, bombardear cidades ou saquear são actos que ainda não constituem crime no Brasil. O crime brasilei-

ro, por emquanto, é um só: dissentir do governo.

— Realmente! exclamei. E' esse o crime imperdoavel e o que recebe todos os castigos. Conheço um sujeito que roubou, matou um homem e violou tres meninas. Nada lhe aconteceu. Mas votou no Nilo e foi morrer de febres na Clevelandia...

— O seu exemplo justifica muito bem a minha these. A consciencia moral brasileira ainda está nos primordios da formação. Estado chaotico, periodo da pedra lascada, quando muito.

— Compreendo, compreendo... E' por isso que em São Paulo a simples constituição do Partido Democratico é vista como um crime.

— Pois sem duvida! E dos crimes imperdoaveis. O bugre inda vos lateja sob o paletó sacco, meu amigo. Ha a ficção republicana por cima, uma roupa-feita. Por baixo. Cunhambebe, Zumbi e Pina Manique.

— Vá que seja assim, Mr. Slang, mas em todos os paizes observo malversão de dinheiros publicos e abusos do poder. Nem a sua Inglaterra escapa.

— O homem que Machiavel e Hobbes definiram é o mesmo em toda a parte, na Groenlandia ou em Paris. Mas nos povos de

consciencia já formada existe, para contrabater o crime, o castigo.

— Para os pequenos. Os grandes escapam sempre.

— Warren Hastings era grande e não escapou. Conhece-o?

— Já li o ensaio de Macaulay a seu respeito.

— Macaulay julga-o com muita serenidade. Primeiro governador das Indias, Hastings portou-se como um heróe na guerra contra os francezes. Subjugou os rajahs e consolidou a dominação britannica, annexando territorios e creando os alicerces que até hoje nos asseguram a posse desse opulento pedaço da crosta terrestre. Um conquistador, em summa, e ao molde dos que se tornam idolos nacionaes. Mas Hastings abusou do poder. Suppliciou indigenas, extorquiu dinheiro aos rajahs, impoz tributos iniquos e com estas brutalidades ergueu contra si a consciencia moral da Inglaterra. Macaulay descreve o terrivel processo a que o submeteram e que durou quasi um decennio, arruinando-o. Sheridan, Fox e Burke se celebrizaram pelas suas arengas no Parlamento contra o heroe nacional. Foi absolvido, mas ficou á margem. Nenhum governo teve o topete de dar a mão ao condemna-

do pela consciencia publica. Embora reconhecido como um dos maiores homens que ainda produziu a Inglaterra, o obreiro maximo da sua grandeza colonial, era um criminoso para a opinião e jámais foi perdoado. Viveu o resto da sua vida no retiro de Doylesford, a expensas da Companhia das Indias, pela qual muito fizera. E isto em 1700 e tantos. Quer dizer que nessa recuada época já estava crystallizada a consciencia moral da Inglaterra.

— E', mas... e nos outros paizes? O que houve na França contra Dreyfus...

— Lembre-se que Dreyfus foi rehabilitado.

— Na Italia...

— Não fale na Italia de hoje. Está revolta, com os dedos de uma possante manopla a lhe apertarem o gasnete. Mas na Italia constitucional existe o caso do ministro Nasi.

— O que subvencionava jornaes...

— Sim. E que foi pilhado mandando pagar 30.000 liras a um. O escândalo explodiu, Nasi foi processado e condemnado. Cumpriu pena e não mais se rehabilitou na opinião publica.

— Trinta mil liras! Dez contos de réis! Que ninharia... Dez contos aqui um mi-

nistro dá por uma ordem telephonica ao banco e não acontece coisa nenhuma. Diz bem. Mr. Slang. No Brasil não ha crime. Não ha penas, não ha punição. Um homem de estado póde fazer tudo, que coisa nenhuma lhe acontece...

— Acontece, sim, contraveio Mr. Slang.

Olhei para elle de olhos arregalados. Estaria bôbo o meu inglez?

— Os Warren Hastings daqui são castigados com um castigo inedito...

Percebi a ironia do meu inglez e antecipei-a:

— Com a senatoria, não é?

Mr. Slang fez um muxoxo muito divertido e concluiu:

— Cada povo possui os seus instrumentos nacionaes de castigo. Havia ou ha o knut na Russia. Ha o castello de Monjuich em Hespanha. Na Turquia houve o empalamento. Si são tão pessoaes os povos no invento dos seus castigos, que muito é que o Brasil crie o seu?

Puz fim á conversa. Quando Mr. Slang "bernardshawisava", eu desconversava...



XIX

DAS ELITES

Na tarde seguinte, ao esperar na Avenida o bonde que me levaria á Tijuca, avistei Mr. Slang parado defronte a uma vitrina. Era a primeira vez que nos encontramos na cidade.

— Que novidade é essa? exclamei, conjuntamente com o *shake hands*.

— E' que parto amanhã para Hong-Kong e vim despedir-me da cidade, foi a sua resposta.

Assombrei-me. Aquelle homem partia para a China como nós partimos ali para a Vista Chinezta, sem aviso prévio, sem atroar os ouvidos do mundo com o brasileirissimo grito de guerra: "Vou para a Europa, sa-

be?" Viajar para Mr. Slang era coisa tão comezinha como tomar café expresso...

— E qual o motivo, Mr. Slang, da sua fuga, si não é indiscreção?

— Cansaço do Brasil.

— Detesta assim o nosso paiz?

— Ao contrario, adoro-o e para o meu estudo sobre o parasitismo não creio que haja no mundo campo melhor...

— Sempre a cobaia...

— Mas como tudo cansa, costume periodicamente descansar do Brasil. O anno passado descansei do Brasil na Suecia e cansei-me logo da Suecia. A ordem que lá reina é excessiva, meu caro. Mata o pittoresco. Ao cabo de tres semanas voltei, saudoso deste maravilhoso eden dos imprevistos.

— E por que se retira, então?

— Está-me parecendo, respondeu elle, que com o governo novo vae o Brasil normalizar-se. Volta o imperio da lei, do bom-senso e da justiça. Ora, isto destróe o pittoresco social que cá me trouxe.

Que alma satanica pôssuia aquelle homem! As nossas desgraças é que o retinham por cá. Achava-as pittorescas...

— Ordem e justiça, continuou Mr. Slang, só me interessam no Imperio Britanico. A America do Sul quero-a como sem-

pre a tive: convulsa, facinorosa, isto é, pittoresca. E já que se pretende installar aqui a ordem, mudo-me. Ordem por ordem, tenho a ingleza, que é de pedra e cal e não momentaneo acaso politico.

— Mr. Slang esquece-se de que a revolução inda não acabou. O Prestes continúa a revolver os sertões.

— Só me seduz a desordem urbana, aqui no centro, bem visivel e observavel do meu Alto da Bôa Vista.

— E não volta ao Brasil?

— Póde ser. Tenho muitas esperanças na reeleição, para o futuro quatriennio, do meu velho amigo Bernardes. Si tal se der, está claro que voltarei. Considero-o como um dos mais interessantes casos biologicos da humanidade contemporanea e por fórma nenhuma perderia um novo governo seu. Infelizmente vejo que se avoluma contra elle uma corrente de odios, com força talvez de impedir-lhe o retorno ao poder. O Brasil não comprehende ainda o singular valor dos homens “revolvedores”.

— Está ahi uma especie que jámais vi classificada por nenhum Linneu da sociologia.

— Chamo assim aos homens que d’alto a baixo revolvem a sociedade. Pedro I foi

M. S. B. 11

um revolvedor — e note que lindo de pittoresco e imprevisto nos saiu o seu reinado! Já o filho, Pedro II, burocrata sabio e virtuoso, não revolveu coisa nenhuma. O Brasil lhe deve apenas meio seculo de semsaboria. Caligula foi um revolvedor. Napoleão, outro.

— Que mistura, santo Christo! Chego até a achar criminoso o seu ponto de vista puramente esthetico, Mr. Slang.

Notei que Mr. Slang não me ouviu. Estava enlevado num omnibus que passava a correr. Attrair-lhe-ia a attenção algum passageiro com a cabeça de fóra? Havia evidentemente um certo sadismo no ponto de vista esthetico de Mr. Slang...

Puzemo-nos a andar e, emquanto andavamos, desabafei. Eu tinha muitas coisas a dizer áquelle frio leitor de Bernard Shaw. Muito offendera elle, em nossas conversas, a minha aguda susceptibilidade de brasileiro patriota. Não podia, pois, raspar-se para a China sem ouvir-m'as, e boas.

— Mr. Slang, comecei, a sua injustiça no julgar-nos deixou-me com um peso n'alma. Não somos o povo que o amigo pensa. Dentro de nós ha uma alma que o estrangeiro jámais comprehenderá, e em materia de honestidade, juro-lhe, não ficamos a de-

ver ao mais sardento britannico. Os nossos homens publicos são mais honestos do que os jornaes dizem. O saque ao thesouro é menor do que parece. Como exageramos, como proclamamos e damos vulto a accusações levianas, julgam-nos mal os de fóra, mas ha nisso um evidente erro de perspectiva, como vou provar.

E fui provando até á primeira esquina, onde nos detivemos, proximos de dois sujeitos que estavam por ali a conversar em voz baixa.

— “Fez muito bem, dizia um. Si você não tirasse, outro tirava. Dinheiro de governo é como nota perdida na rua. Si quem passa primeiro não péga, outro péga...”

Mr. Slang, que não havia respondido á minha tirada patriotica, limitou-se a um olhar de malicia. Corei até á raiz dos cabelos e arrastei-o para adeante.

— Outra censura descabida que communmente nos lançam em rosto, prosegui, é a nossa falta de consciencia moral. Temol-a, porém, e já em muito adeantada crystallização. Acatamos os direitos alheios, respeitamos a personalidade humana, talvez tanto como na Inglaterra. Ha abusos, não nego, mas que acabam punidos. Não nos devemos deixar arrastar pela grita dos órgãos

amarellos. São jornaes de opposição, systematicos no aleive e na calumnia. Mais de metade do que narram a respeito de violencias das autoridades não passa de puro exaggero... e fui por ahi além até á segunda esquina, onde paramos pela segunda vez.

O arteiro acaso quiz que tambem ali estacionassem tres secretas, em regalada troca de impressões.

— “Elle protestou que era innocente. dizia um, e allegou que não tinhamos prova. O doutor delegado mandou passar-lhe a borracha e trancal-o nú na geladeira. Um advogado ahi qualquer requereu “habeas-corpus” e o juiz pediu informação. O doutor delegado piscou o olho e officiou que não sabia onde estava o réo. Depois eu...”

Segundo olhar malicioso de Mr. Slang e segunda onda de sangue no meu rosto. Arrastei novamente o meu britannico para longe daquelles miseraveis, e pelo caminho lhe fui dizendo:

— A ralé inda não possui formação moral. Muito misturada e sem cultura. Mas num povo valem as elites e quanto a estas não ha negar que as temos já bem apuradas. Duvido que na orgulhosa Britannia haja uma nata mais bem formada que a nossa,

mais ardente de patriotismo e rica de abnegação.

E fui por ahi á fóra até á terceira esquina, onde pela terceira vez paramos. Mr. Slang ouvia-me sem nada dizer. Percebi que desta vez o convencera ou pelo menos abalara algum juizo temerario que a respeito das nossas elites viçasse em sua consciencia. Mas de subito vi caminhando em nossa direcção um grupo de tres senadores, um dos quaes gordo como sapo-untanha. Senti um calefrio percorrer-me o corpo e, antes que a palestra dos tres expoentes da nossa nata politica chegasse ao alcance da apurada audição de Mr. Slang, agarrei-o pelo braço e metti-o num automovel.

— Vá para a China, Mr. Slang, vá delectar-se com a desordem que está infernizando o celeste imperio. Mas vá convencido de que a nossa elite salva-se.

Mr. Slang não sorriu. Apertou-me a mão de um modo effusivo e disse apenas:

— Não se afflija, meu amigo. Eu creio na existencia de uma elite moral no Brasil. Apenas admitto que está ella arredada da sua funcção organica. Está á margem, á espera de que a chamem. Uma reserva, por emquanto — mas uma bella reserva, creia.

Respirei e tive impetos de beijar Mr. Slang.



XX

DOS TRINTA HOMENS

Fui ao bota-fóra de Mr. Slang. Penetrámos juntos no navio e ficamos longo tempo debruçados na amurada, assistindo ao movimento de embarque.

— Está vendo aquelle homem baixote e gordo, vestido de casemira cinza? perguntou-me elle em certo momento.

— O que está proximo ao guindaste?

— Sim. Conhece-o?

— Não, a não ser de vista.

— Pois é um dos homens-força deste paiz. Por falar em força: quantos homens calcula você que possui o Brasil?

A pergunta pareceu-me ingenua. Não obstante, respondi:

— Metade da população total do paiz. uns quinze milhões, sem duvida.

Mr. Slang philosophou:

— As estatisticas erram psychologicamente. Contam como homens apparencias de homem, burocratas da biologia. No Brasil, pelos meus calculos, haverá uns trinta homens.

Ri-me. Vinha paradoxo pela certa.

— Trinta só, Mr. Slang?

— E acha pouco? No mundo inteiro não haverá mais de dois mil homens, talvez nem mil. Por homem entendo unidade de força social constructora, elemento propulsivo, engenheiro do dia de amanhã. Animal muito raro, pois não. Apesar disso, ou muito me engano ou esse homem gorducho é um dos trinta do Brasil.

Cravei os olhos no ser prodigioso, que era unidade de tão restricto grupo.

— Chama-se Belisario Penna, continuou Mr. Slang, e é o engenheiro que tomou á sua conta a construcção da saude do Brasil. Um perfeito apostolo. Tem feito tamanho bem á sua terra e o fará ainda tanto que — escreva o que vou dizer: acabará na Clevelandia.

— Hom'essa! Que premio horrivel foi Mr. Slang descobrir para um homem de tal benemerencia!...

— Sei da vida, meu amigo. Os apóstolos, os constructores do amanhã, acabam sempre em Clevelandias. Isto desde Jesus.

— Quer dizer que nos nega o mais elementar sentimento de justiça...

— Não nego coisa nenhuma. Mas acontece que os homens deste typo se queimam nas proprias chammas. São sarças perpetuamente incendiadas e portanto impolíticas. Falta-lhes o senso pragmatico do instante que vivem. Olham demais para o futuro. Enxergam muito longe e tropeçam. O commodismo do presente, incommodado, sempre perseguiu os "visionarios".

— No entanto, elles vencem...

— Vencem, ou, antes, fazem que vença a idéa que os apaixona. Mas pagam a victoria com a vida. E' de todos os tempos e de todos os povos.

— Mas que fez esse Belisario Penna até hoje?

— Revelou ao paiz o seu estado de doença. Demonstrou que ha no Brasil 70 % de criaturas bichadas pela verminose. Provou que em trinta milhões de criaturas ha mais de vinte milhões de inutilizados, sombras de gente, cadaveres vivos, méro pasto de bichos gordos e satisfeitos.

— Que horror! exclamei. Esses nume-

ros me abatem de tal fórma o animo que sinto impetos de um mergulho mortal no oceano.

— Não faça isso, respondeu com bonhomia Mr. Slang. Além de perturbar a doçura desta manhã tão boa, iria espantar aquellas pobres sardinhas que ali estão em innocentes cardumes.

A agua do porto, batida de sol, deixava ver centenas de peixinhos prateados, em "dolce" e descuidosa natação. Teria Mr. Slang alma de S. Francisco de Assis e no meu suicidio só veria realmente o susto da população aquatica?...

Transferi meu trepasse para melhor momento e perguntei-lhe:

— E os outros vinte e nove homens, dos trinta que possuímos? Quem são elles?

Mr. Slang vacillou.

— A resposta não é facil e tenho receio de que minhas previsões não obtenham o sello da confirmação. Todavia, parece-me provavel que o capitão Prestes possa ser enumerado como um delles.

— Um revoltoso! exclamei com repugnado accento legalista. Um matador de gente...

Mr. Slang redarguiu com socratica serenidade:

— Esta divisão entre revoltoso e legalista é das mais precarias e muito me espanta vel-a em sua boca — ou na de qualquer outro brasileiro. Esta vossa linda cidade está cheia de estatuas a revoltosos, erigidas pelo mais assanhado legalismo. No palacio da Camara vejo a de Tiradentes, um revoltoso; a de Deodoro, outro revoltoso; a de Benjamin, outro revoltoso. Na Avenida vejo a estatua de Floriano, outro revoltoso. Vejo ainda a estatua de Pedro I, outro revoltoso contra a legalidade da época. No largo de S. Francisco temos a de José Bonifacio, ainda um revoltoso. Aquella ponte que liga o continente á ilha da Cobras recebeu o nome de Alexandrino de Alencar, outro revoltoso. Quando venho da Tijuca passo pela rua Frei Caneca, outro revoltoso. Entre os feriados nacionaes vejo o 21 de abril, homenagem aos revoltosos de Minas; vejo o 24 de fevereiro, commemorativo da legalização de uma revolta vencedora; vejo o 15 de novembro, commemorativo de uma revolta militar victoriosa; vejo o 7 de setembro, commemorativo de outra revolta victoriosa. E vejo ainda o 14 de julho. Não contente de homenagear as suas revoltas caseiras, o vosso paiz exalta as de fóra e dá feriado no dia em que a plebe de Paris, revoltada, des-

truiu a Clevelandia de Luiz 16. Esta singular glorificação da revolta por meio do bronze, da pedra, da placa de rua e da vadiagem obrigatoria, parece-me contraindicar esse focinho mégalista que o meu amigo acaba de fazer, ao ouvir o nome do capitão Prestes.

Era irrespondível aquillo. Mr. Slang, até no momento de partir, arrolhava-me á força de logica. Mas resisti, queimando os ultimos cartuchos da minha pobre dialectica.

— Tudo depende da causa da revolta. Si é nobre, está claro que se justifica.

Mas o philosopho saiu-me á frente com a rolha final:

— Apenas a victoria justifica, meu caro. Entre Isidoro e Deodoro só ha uma differença: um venceu e o outro não. Fóra dahi vejo unicamente “tapeação”, como dizem vocês com muita graça.

O navio apitou. Ia zarpar. Abracei Mr. Slang, deveras commovido e já saudoso da nossa amavel convivencia. Muito lucrara meu cerebro com a sua placida ideologia, tão isenta da paixão transviadora.

— Nunca mais, então, Mr. Slang?

— Quem sabe? respondeu elle. O uso do cachimbo deixa a boca torta. Tenho quasi meio seculo de residencia no Brasil, com

fugas para o estrangeiro que não sommarão mais de seis annos continuos. Vou ver a China e talvez Nicaragua. A China está se desopilando de um modo muito pittoresco.

— Desopilando? repeti sem comprehender.

— A opilação da China não é como a dos brasileiros ruraes. Opilou-se, não de ancylostomos, mas de europeus. Infiltraram-se-lhe no corpo, como sangue-sugas, e tanto lhe roeram o duodeno que ella está hoje em regimen de xenicidas. A revolução chinesa não passa de movimentos convulsos para deitar fóra os europeus aferrados á mucosa amarella.

— Inglezes, sobretudo!... exclamei.

— Sim, inglezes, americanos, allemães. O parasitismo, já disse, é a lei da humanidade, e a revolta constitue o thymol competente. Vou observar “de visu” como a China applica o seu thymol contra os europeus.

A campainha de bordo estrillou. Abraçei Mr. Slang pela terceira vez.

— Adeus, caro amigo, disse-me elle. Fique a sondar os acontecimentos. Si por acaso verificar que o nosso homem inda pôde subir ao Cattete, escreva-me, que precipitarei a minha volta. Adeus!...

Desci. A escada foi recolhida e o bello paquete moveu-se lentamente.

Fiquei no cães, de lenço na mão e lagrima no olho, a acenar para o meu inglez da Tijuca até que o barco se sumisse ao longe.

Gaivotas adejavam no azul, com repentinhas descaidas para fisgadelas do peixe incauto.

Junto ao muramento do cães, a agua, translucida de sol, deixava entrever cardumes das imperturbadas sardinhas de Mr. Slang.

Tomei um bonde e remergulhei-me na cidade dos monumentos a revoltosos, calculando de mim para mim onde iria erguer-se mais tarde o bronze do marechal Prestes...



NOTA FINAL

Os meus debates com Mr. Slang não se cifraram aos themas desenvolvidos nestes vinte capitulos. Dariam cem, talvez cento e vinte, si os fosse a todos fixar. Mas aonde iriamos?

Sobre exercito e marinha, por exemplo, nosso debate se prolongou por duas semanas, e não resisto á tentação de expor mais alguma coisa do que lhe ouvi.

Lembro-me de uma visita que fiz ao couraçado "S. Paulo" a convite do commandante Frederico Villar, em companhia do Fernão Dias carioca, esse admiravel Porto d'Ave, e mais um grupo de néo-bandeirantes do Brasil. Voltei de lá cheio de enthusiasmo ante o maravilhoso estado de conservação do velho *dreadnought* e á noite subi á Tijuca para despejal-o sobre o scepticismo do meu inglez implacavel.

Encontrei Mr. Slang recortando um aerogramma do tenente aviador Netto dos Reis, piloto insigne e fervoroso propulsor da aviação entre nós.

— Mr. Slang, fui logo dizendo de cara, acabo de visitar o "S. Paulo" e venho cheio de argumentos contra o que o amigo disse da nossa marinha.

O fleugmatico britannico continuou a manobrar a tesoura e, sem erguer os olhos do serviço, apenas disse:

— Vejamol-os.

Contei-lhe o que vira. O meu rapido encontro com o almirante Souza e Silva, um valor tecnico, sereno e frio, dos que demonstram a superioridade ao menor

gesto. A admiração que me causara a figura singela do capitão Amphiloquio dos Reis, intelligentissimo e senhor do seu commando como poucos. A ordem perfeita, o asseio meticuloso, o respeito a um velho e sabido regulamento, que não soffre na sua entrozagem a minima alteração a não ser que venha indicada pelo evoluir natural das cousas e comprovada pela experiencia no sentido de um maior rendimento util. Falei dez minutos com um enthusiasmo muito irmão do com que o capitão Villar, esse dynamo de patriotismo, sabe influir nos que o ouvem. E ao cabo, quando julguei que Mr. Slang ia voltar contra mim o *destroyer* da sua contradicta, eis que com assombro o ouço dizer:

— Sei disso e reconheço que não ha nenhuma exagero em suas palavras. Dou-me com o almirante Souza e Silva e faço-lhe a justiça de o ter como digno de occupar posto equivalente na marinha britannica. Dou-me tambem com o commandante Amphiloquio e duvido que algum capitão inglez traga o seu navio nas condições do "S. Paulo" e gose de tanto respeito e amor da guarnição. Tambem conheço o commandante Villar, cuja notabilissima obra sobre a pesca e educação dos pescadores me parece das mais sérias que ainda se fizeram neste paiz. Alem disso, admiro na marinha o espirito de dedicação e o nobre culto ao dever que a distingue. No Club Naval vejo em todos os andares o retrato de Saldanha da Gama, o almirante perfeito, cuja memoria a marinha vem cultuando com uma ternura enternecedora, e nos navios noto o retrato de Marcilio Dias, o heróe humilde que é uma lição para todos os jécas da maruja.

— Então, como nega efficiencia á nossa marinha?

— *Piano, piano...* Acho apenas que ella não possui o essencial a uma perfeita marinha. Não possui um aparelhamento sempre ao nivel dos progressos rapidos

que faz a arte naval — culpa que não lhe cabe, todavia, e sim a uns tantos governos ineptos e descuidados que o paiz tem tido. Governos que brécam a marinha, lhe entorpecem o ardor, procuram burocratizal-a. Que vale ser bom atirador, si a arma é pica-pau?

— Os governos nunca teem dinheiro e sem muito e muito dinheiro não pode um paiz conservar sua marinha ao nivel dos progressos incessantes que o navalismo faz. A culpa não cabe á marinha.

— Perfeitamente. E por isso condemno a conservação onerosa do aparelhamento existente e o incluo no caso geral de parasitismo. Por melhor que a marinha conserve os actuaes navios, de que vale isso, si estão todos atrasados de um quarto de hora? Na guerra vence quem chega primeiro, quem atira primeiro, coisas que só conseguem os que andam em dia com a evolução das armas.

Canhão que só alcança cinco milhas, por mais bem tratado que seja e melhor a pontaria dos seus atiradores, vale tanto como um pedaço de pau — si defronta um outro que alcance dez milhas. Ora, parece-me tolice conservar machinas atrasadas, de inefficiencia evidente e reconhecida por todos os bons cerebros de que a marinha dispõe.

— Mas como proceder, si não temos dinheiro? como substituir nossos velhos couraçados, si um *dreadnought* custa hoje 400.000 contos e vivemos nesta miopia eterna que Mr. Slang sabe?

— Exactamente por isso preconiso o avião, que é a arma do pobre. Couraçado é hoje arma de povo rico ou de povo que tem metallurgia e pôde construí-lo em casa. Os dez milhões de libras que a Inglaterra gasta num couraçado ficam-lhe todos em casa. O dinheiro sahe do povo, passa pelas mãos do governo e volta ao povo. Não ha sangria. Mas aqui? Como nunca ha di-

M. S. B. 12

nhairo, fazem-se navios com dinheiro tomado de emprestimo e o custo delles se escoo inteiro em troca de ferro que enferruja, atraza-se e perde todo o valor como arma muito antes que seja amortizada a quarta parte do emprestimo respectivo. Ora, isto cheira-me a absurdo, não acha?

— Como fazer, então? Permaneceremos inermes?

— Não. Apenas pensar em armas que estejam ao alcance do paiz, deixando as armas dos paizes ricos para os ricos. Alem disso, o couraçado já teve a sua época. Desde que appareceu o submarino começou a sua decadencia e hoje, depois do avião, está irremediavelmente morto. O elephante é uma fragil coisa, si o ataca uma nuvem de moscardos bombardeadores. A era dos grandes navios passou, e conserval-os, com desconhecimento disso e desprezo pela arma nova que os vem substituir, é preparar momentos tristes para o futuro.

— Mas a Argentina, unico inimigo provavel com que temos de contar, tambem possui couraçados.

— Sim, mas sempre em dia, sem o tal atrazo que caracteriza os seus equivalentes no Brasil. Apesar disso a Argentina, mais previdente, já creou a sua nuvem de moscardos. Possui numeroso corpo de pilotos e numerosos aviões. Trezentos pilotos e outros tantos aviões terá ella.

— E nós?

— Uns quarenta pilotos, dos quaes nem um só tre-nado em guerra. Quanto a aviões, em estado de voar, haverá dois ou tres. O resto, em dismantelo, enferruja-se nos hangares e só serve para onerar o orçamento e fazer numero.

— E' tragico isso que me está dizendo, Mr. Slang.

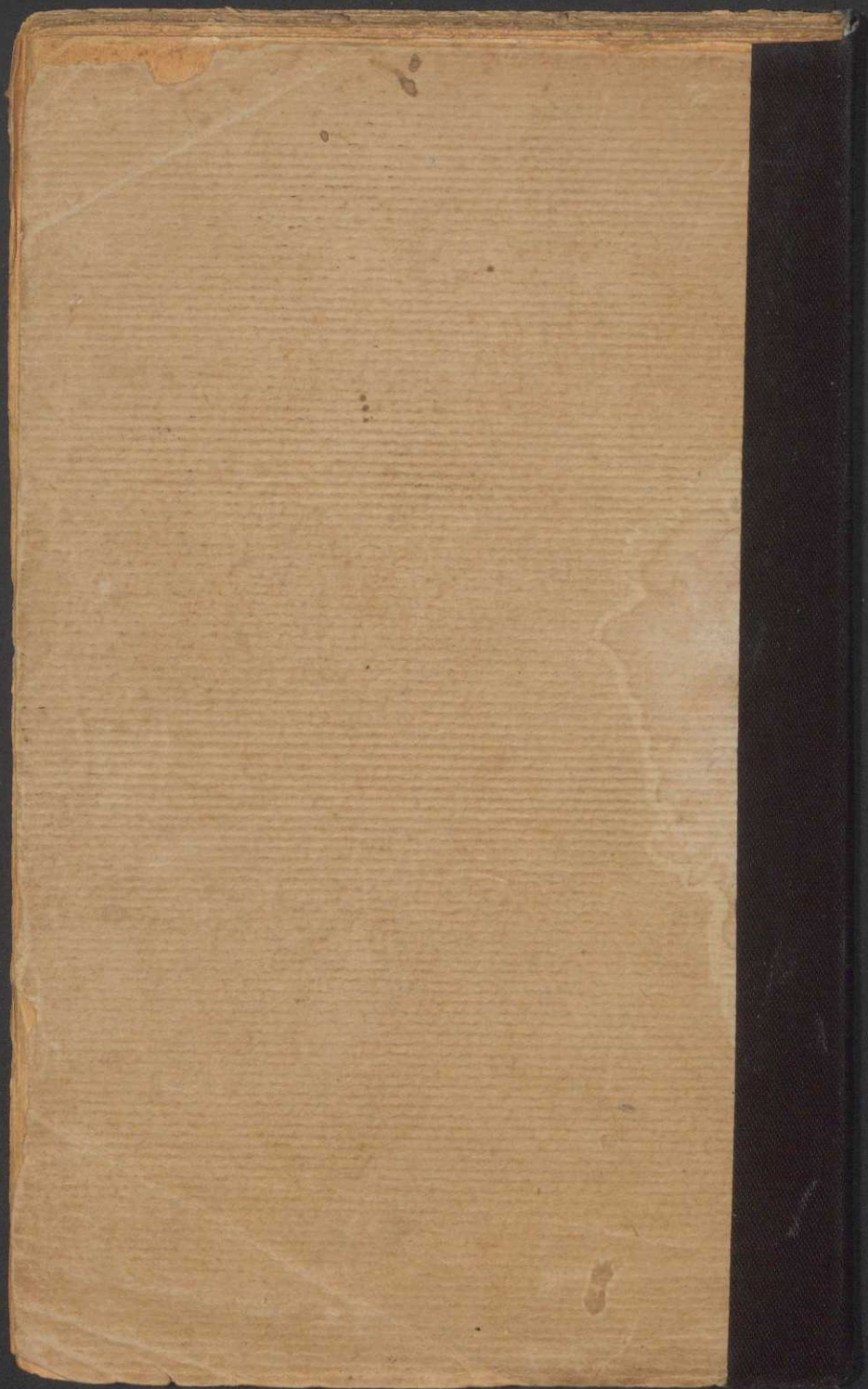
— Por enquanto, apenas curioso, respondeu elle; mas não nego que poderá tornar-se tragico um dia...

INDICE

Advertencia	7
Da balburdia das idéas	9
Da maçaroca	17
De outras opiniões do Manoel	25
Do cruzeiro e outras miudezas	33
Do carpinteiro de Southdown	41
Do periodo cyclonico	49
Da industria da repressão	57
Da camisola de força	65
Da protecção á incompetencia	75
Do capitulo que faltou	83
Da "Estrada Alegre"	91
Dos direitos immoraes	99
Do parasitismo camuflado	99
Da cabeça e das mãos	115
Da importação de cerebro	123
Das fructas e livros	133
Dos "ladrões"	143
Do supplicio da senatoria	151
Das elites	159
Dos trinta homens	167
Nota final	175







MONTEIRO LOBATO

MISTER SLANG E O BRASIL

